

ISRAEL BELO DE AZEVEDO

O OLHAR DA INCERTEZA

Crítica da Cultura Contemporânea

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

(MARSHALL BERMAN)

Você Vai Ler

PRELÚDIO

HISTÓRIA DE UM FRACASSO

PARTE 1

A MIRAGEM

1. O olhar da incerteza

PARTE 2

A VERTIGEM

2. A passagem do olhar
3. A permanência da mudança
4. As formas da permanência

PARTE 3

A MARGEM

5. Será que somos realmente modernos?
6. Para um crítica cristã da cultura contemporânea
7. Construindo uma consciência crítica

POSLÚDIO

O FIM DA INGENUIDADE

Referências Bibliográficas

PRELÚDIO

História de Um Fracasso

Do ponto de vista da história do pensamento, a época de hoje não é superior a diversas épocas do passado.

(SÉBASTIEN JOACHIM, 1998)

A história deste livro é a história de um período curto, mas decisivo. A incerteza do momento que o viu nascer de tal modo virou o mundo de cabeça para a baixo que o livro realmente projetado jamais pôde ser escrito.

O projeto, do livro que não pôde ser acabado, previa três partes: o olhar, o seqüestro e o resgate. O objetivo era descrever as características do mundo contemporâneo, para, em seguida, mostrar como a consciência fora roubada pelas ideologias. Ao final, pedagogicamente pretendia-se desafiar o leitor a resgatar sua consciência crítica.

Em meados dos anos 80, era possível falar em ideologias. O mundo ainda se dividia em capitalismo (liberalismo) e comunismo (socialismo). No plano político, ainda se falava em ideais como terceira via (democracia cristã), bem como em filosofia (e teologia) da libertação. No plano da vida cotidiana, ainda se bebia existencialismo. Sonhava-se. O sonho tanto podia ser a crença na possibilidade de construção de um mundo novo, como podia ser a afirmação da transcendência do momento como sendo todo o movimento que realmente importa.

Estas representações estavam-se apagando das mentes, para acabarem varridas pelo vendaval que derrubou o muro de Berlim. O vendaval não só derrubou os tijolos do muro, como levou as páginas onde se descrevia um mundo que estava deixando de existir.

Teimei em escrever o livro, demorando-me a perceber porque não o conseguia.

O retrato (que à época chamei de “O Olhar”) me parece atual, embora sem o rótulo que logo depois se tornaria um enorme guarda-chuva para descrever a contemporaneidade: pós-modernidade. Por isto aqui o reproduzo (como “Olhares Modernos”). A primeira parte, portanto, do projeto estava desenvolvido.

A terceira (sobre a construção da consciência crítica) continua(va) de pé. O problema era a segunda parte, inviabilizada pela morte das

ideologias. Os lados em conflito eram vultos (relativismo absoluto, pluralismo completo) que caminhavam pela noite e não se constituíam mais em alvos fáceis (comunismo, capitalismo).

Foram precisos dez anos para que o projeto pudesse ser continuado, para que me ficasse claro que as ideologias (enquanto sistemas de representação do mundo) morreram, mas que a ideologia (enquanto um modo de representar o mundo) permanece viva e atuante no planeta terra.

Mais do que nunca, precisamos entender nosso tempo, se queremos transformá-lo. Se ontem os filósofos eram os arautos da interpretação, hoje os comunicadores (especialmente os publicitários e marketeiros) são os agentes da transformação. Como escreveu Louis Quesnel, os publicitários são os verdadeiros filósofos de um mundo sem filosofia.

Hoje o paradigma é o fim do paradigma. Não há mais grandes sistemas de interpretação, mas continua havendo interpretação. A interpretação invade as páginas dos jornais, as ondas do rádio, as telas da televisão e os monitores dos microcomputadores. A interpretação nos possui.

O perigo desta interpretação é que elas nos vêm como uma espécie de admirável mundo novo, que a globalização da economia, da comunicação, da cultura e da fé parece materializar, tirando do campo do vaticínio a aldeia global que Marshall McLuhan achava inevitável.

Este mundo novo, admirável sob certos aspectos, é fato e fator de duas características bastante marcantes. A primeira é a aceleração do processo de globalização da economia. O avanço tecnológico (especialmente nas áreas da informática, das telecomunicações e da microeletrônica) e das modificações do sistema financeiro propiciam uma inversão de escala do que no investimento produtivo. Isto transforma o sistema produtivo em uma matriz de conhecimento e não em uma matriz de produto (como vem ensinando Alain Touraine nos seus artigos para a imprensa francesa e brasileira).

A segunda é o fortalecimento, em escala mundial, das indústrias da comunicação. Por intermédio delas, são modificadas a experiência de tempo e de espaço, a natureza das cidades e a relação entre culturas. Uma das conseqüências é a desintegração dos padrões de relacionamento social e humano, experiência que alcança nações e gerações.

Enfim, parece estarmos mesmo diante de uma nova civilização material que modifica todas as categorias de nosso pensamento e nossas condutas. Diante destas transformações, não há como ficar à margem, sob pena de se fazer da margem a morada definitiva.

Portanto, não há como esquecer que vivemos numa sociedade extrodeterminada (isto é: determinada de fora para dentro), marcada por um individualismo promovido pelas mensagens dos veículos de

comunicação de massa, que acabam por determinar os ideais pessoais. Por isto, como ensinou um especialista, nossa época é a de consumidores a serem seduzidos, não a de cidadãos a serem racionalmente convencidos.

Como sempre, cabe a cada indivíduo redescobrir suas próprias possibilidades, paradoxalmente cada vez mais ilimitadas num certo sentido e, cada vez mais limitadas, em outro. Nossa época não é melhor nem pior do que as outras. Apenas é a nossa época. É nela que nos cobrimos (e não percebemos seus jogos de dissimulação) e nos descobrimos (se não queremos viver no plano da superfície).

Esta redescoberta, em direção a um novo paradigma de inserção no mundo, é uma tarefa crítica. Ao fazer uma crítica da cultura contemporânea, este livro pretende ser parte desta tarefa.

Para manter seu caráter provocativo, o texto parte da descrição para a análise, conquanto nem sempre seja possível esta distinção. Assim, as duas primeiras partes (capítulos 1 a 4) se ocupam da descrição da cultura contemporânea, ficando para a terceira (capítulos 5 a 7) a seção propriamente analítica.

SOBRE UMA AUSÊNCIA E VÁRIAS RE-PRESENÇAS

Diferentemente dos meus outros livros, este não tem notas bibliográficas. Foram todas expulsas para o final, sob a forma de um comentário bibliográfico geral.

Aqueles que me têm acompanhado ao longo destes anos de reflexão impressa poderão se encontrar diante de algo que já leram, aqui e ali, em textos para publicações periódicas (a cujos editores agradeço pela escolha e espera). Com algum cinismo, eu poderia me justificar: eram todos partes integrantes de uma obra em progresso. Não. Eram partes de mim e agora são partes, na íntegra ou reescritos, também deste livro.

PARTE 1

A Miragem

Jeová disse a Adão:

— Tu és Deus.

Adão disse a Jeová:

— Eu não sou Deus.

Tenho medo de ser.

Tenho medo de existir.

Tenho medo da perfeição.

Tenho medo da solidão.

Quero ser pessoa.

Não quer ser.

Jeová disse a Adão:

— Faça-se a tua vontade.

Adão disse a Jeová:

— Dá licença.

E retirou-se da sua presença sem intenção de voltar.

Desde então...

a consciência crítica tem de ser aprendida.

Aí pelos meados dos anos 80, eu ensinava psicologia da propaganda numa Universidade. Lá pelas tantas de uma aula, lamentei que não houvesse mais praças para as pessoas namorarem.

Foi então que uma aluna, certamente preocupada com a minha desolação e inadaptação aos novos tempos, me consolou:

— Para que praças, professor, se temos os motéis?

Para aquela garota, motel era modernidade e praça, uma coisa antiga. Fazer sexo fora do casamento era ser moderno; limitá-lo a certas regras era ser antigo.

Sem que o pretendesse, tinha aquela estudante uma maneira de ver o mundo. Sem dúvida, seu olhar era parte do seu tempo. Não estava inventando nada. Apenas reproduzindo aquilo que aprendeu. E certamente não tinha ela consciência disto. Ela não sabia por que pensava aquilo, mas pensava.

1

O OLHAR DA INCERTEZA

Convicções descartáveis, estilo zapping, começam num talk show e terminam num shopping. Podem preencher necessidades, até encher vidas, mas não chegam a transbordar para compor uma civilização.

(ALBERTO DINES, 1997)

Se o mundo estivesse aos seus pés e, do alto de um monte, pudesse vê-lo, como você o descreveria?

O mundo não está aos pés de ninguém, por mais alto que seja o morro, mas cada um de nós o descreve.

Desde que o homem decretou que era moderno, lá pelo século 18, seu olhar não pára de girar.

O chamado mundo moderno não nasceu no dia em que nascemos. Ele estava aí antes que chegássemos. E deverá estar aí, quando não

estivermos mais.

O presente é o passado que sobreviveu.

O presente é o passado que nos foi dado conhecer.

O presente está na vida quotidiana: no ir à padaria da esquina, na praça onde os corpos dos namorados se tocam, na fila do ponto de ônibus, na redação dos jornais, nos programas ao vivo de televisão, no discurso do presidente da República.

O quotidiano de hoje nem sempre foi assim.

Antes que o vendaval da secularização mudasse, a partir do século 16, a face das águas, a vida de uma pessoa tinha todos os seus momentos marcados, como um maestro marca o trabalho de uma orquestra, pela religião dominante. O campanário do templo católico, localizado no centro geográfico e psicológica da comunidade, sinalizava a hora de acordar, a hora de comer, a hora de rezar e a hora de dormir. A pessoa só passava efetivamente a existir quando recebia um nome na pia batismal. E ela só tinha um lugar para ser enterrada: o cemitério da igreja.

Hoje as coisas não são assim, embora o vendaval europeu chegasse aqui na forma de uma brisa.

No entanto, o homem comum pouco sabe sobre secularização, humanismo, renascentismo e outros movimentos que sacudiram a Europa e marcaram o surgimento do mundo moderno. Mas ele sabe, por experiência no dia-a-dia, que nascer e morrer são momentos seculares, e que o cronograma de sua vida diária nada tem a ver com o sino, que ele ser ouve perdido no meio dos sons diversos.

Em outras palavras, o presente não se explica a si mesmo, nem o passado explica todo o presente. De qualquer modo, conhecer o passado é conhecer o presente.

Olhar para o mundo moderno exige olhar o seu nascimento, na morte da chamada Idade Média. As características da modernidade vêm se desenvolvendo desde então.

A DESSACRALIZAÇÃO: A NATUREZA SEM ENCANTO

Ao lado dos fatores políticos e econômicos que o determinaram, o mundo moderno nasceu sobre os escombros do encanto diante da natureza, do medo de forças invisíveis e da fidelidade a idéias, instituições, sacramentos, lugares e grupos. Em outras palavras, o moderno é o resultado de um amplo programa de dessacralização do mundo.

O homem da virada do medieval para o moderno via a natureza com um sentimento de encanto diante de algo dado como um mistério. Juntas, a ciência, a tecnologia, a filosofia e a teologia se encarregaram de mostrar-lhe que a natureza nada tem de misteriosa; compete ao homem conhecê-la, dom(in)á-la e colocá-la a serviço da sociedade.

Assim, por exemplo, os oceanos perderam seu terror: Colombo e Cabral dominaram 'mares nunca dantes navegados' (no dizer de Camões), precedendo Gagarin e Armstrong na conquista de outro espaço, o sideral. A terra deixou de ser o único bem, porque a tecnologia desenvolveu máquinas, antes nunca sonhadas e localizadas nas cidades, para onde as pessoas acorreram. As antigas lealdades (a velhos senhores, individuais ou institucionais) foram trocadas e novas relações foram inauguradas.

Neste processo de expulsão do medo, a filosofia e a teologia perderam seu charme, substituídas pela ciência e pela tecnologia, mais propícias a servir às novas relações de produção. Para que teologia e filosofia, se o homem estava construindo, por seu engenho e trabalho, um mundo livre? Os novos dogmas eram agora apresentados pela ciência, eleita a autoridade última para as indagações humanas.

O otimismo chegou ao seu clímax no século 19, quando o humanismo foi levado às suas últimas conseqüências pelo iluminismo. A utopia percorria todas as esquinas e a única filosofia possível era a do progresso.

O homem se tornou escravo de sua própria autonomia. Até então, como o mundo só podia ser explicado pela fé ou pela razão, o homem vivia diante de uma teonomia ou eclesionomia, em que os representantes de Deus tinham as rédeas das coisas.

Agora, era o tempo do homem: a autonomia. O mundo era um problema seu; e ele o resolveria. O nome disso é secularização.

Quando estas convicções começaram a perder fôlego, já estávamos no século 20, onde o moderno vive sua crise.

O bom homem, capaz de construir o mundo, quase o destruiu com duas guerras mundiais no espaço de três décadas. O bom homem, agora livre, começou a perceber que a liberdade continuava um produto propício apenas aos detentores de recursos econômicos. O bom homem, com suas novas relações de produção, continuava tão dependente dos recursos do dono do capital quando o era do proprietário da terra. O bom homem, apesar da força da razão, continuava a produzir desigualdade entre os iguais e a manipulá-los para interesses que não eram os seus.

O INDIVIDUALISMO HEDONISTA: O CORPO DISPONÍVEL

Das certezas, enterradas sob o símbolo do cogumelo formado pela bomba atômica sobre Hiroxima e Nagasaki, só restou uma: é preciso viver cada momento como fosse o último. O nome disto é hedonismo.

Só que, paradoxalmente, o hedonismo também é fruto ainda de um resto de otimismo do século 19. Em outras palavras, o otimismo e o pessimismo se encontram para dar os contornos do século 20.

Isto fica bem evidente neste poema:

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.

Entre eles, considero a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

(...)

*O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.*

(Carlos Drummond de Andrade, 1940)

A AUTO-AFIRMAÇÃO. Este otimismo trágico é o individualismo levado ao seu grau máximo. Conformista, ele se expressa em múltiplas dimensões, sempre em busca do prazer, num frenesi que pode virar paixão, numa paixão que pode se tornar escravidão ao instinto.

Afinal, o objetivo da vida é a felicidade, entendida como o prazer máximo e a satisfação de todos os desejos e necessidades.

O processo da individualização vem desde a Renascença, atingindo todas as esferas do humano, inclusive o religioso. Que é o princípio da justificação pela fé, senão uma afirmação do valor do indivíduo que, agora, pode se relacionar diretamente com Deus sem qualquer intermediário?

Esta auto-afirmação, marca do homem moderno, vem se manifestando de várias formas, umas desesperadas, outras esperançosas.

Há três manifestações típicas da modernidade: o irracionalismo, o consumismo e o pansexualismo. Elas se misturam entre, de modo que,

geralmente, aparecem juntas. Todas elas giram em torno do princípio máximo do hedonismo: o que importa é viver intensamente cada momento da vida. Viver para o momento é a paixão dominante: viver agora, não para o futuro; viver para si mesmo, não para os outros.

Há alegria nisto, mas há também desespero. O desespero está em que, já que a vida não tem sentido, já que não existe futuro, o melhor é embriagar-se com o presente. Que faz o consumidor de drogas e de álcool, senão isto?

O IRRACIONALISMO. O século que se orgulha das suas luzes, toma decisões nem sempre fundadas na força da razão. É como se a irracionalidade, isto é, uma vivência sem reflexão fosse responsáveis pela maioria das decisões.

Não importa, como temem alguns, que o efeito perigoso desse tipo de propaganda seja levar as pessoas a pouco a pouco se acostumarem a desdenhar o raciocínio e a verdade.

Realmente, fica difícil, por exemplo, aceitar que a luta de boxe ainda seja considerada a nobre arte. Em que medida isto é racional? Mas a gente gosta, especialmente das batalhas de peso-pesado.

A maioria de nós escova os dentes pelo menos duas vezes ao dia. Na hora de deitar e ao acordar. Se nos perguntarem por que os escovamos logo cedo, antes mesmo da café, para depois irmos para a rua, responderemos que o fazemos por uma questão de higiene. Mas que higiene, se desde a noite anterior, não comemos nada?

A publicidade sabe destas motivações profundas, reveladas ao homem moderno por Freud e seus seguidores. Por isto, nem sempre seus convites à compra apelem para motivações racionais. Os líderes religiosos também sabem disto; e alguns usam... este conhecimento, como se a salvação fosse sabonete...

Uma das características do homem contemporâneo é não suportar o silêncio, que é a hora onde a desesperança desponta:

O silêncio é tão largo, é tão longo, é tão lento

Que dá medo... O ar parado, incomoda, angustia...

Dir-se-ia que anda no ar um mau pressentimento.

(...)

— Ah, como dói viver quando falta a esperança!

(Manuel Bandeira, 1912)

Não agüentamos o silêncio.

Uma manifestação disto é a música popular contemporânea. Nos espetáculos e nos discos, parece que a letra não importa muito. O som, esta palavra agora mágica, deve entrar pelos poros e não pelos ouvidos. Até as crianças querem ouvir suas canções no maior volume possível. É a música do corpo contra a música do espírito, dirão os conservadores. Não, é a arte pagando seu tributo ao progresso, feito de máquinas nem sempre silenciosas.

Outra manifestação deste irracionalismo está na moda. Somos convidados a andar na moda, não importa que seja inicialmente ridícula, porque ridículo é andar fora dela. Estando na moda, fazemos parte da modernidade; nem que todos nos vistamos iguais. Correndo para estar na moda, apenas corremos para sermos anônimos... paradoxalmente.

Nossa auto-estima, apesar do dogma do individualismo, está tão em baixa, que dependemos de outras pessoas para legitimar o nosso valor como pessoas. Ajudamos a celebrar a liturgia da celebridade, ao nos identificarmos com artistas (especialmente atores de televisão), políticos e heróis diversos; buscamos o poder e o carisma que eles têm, como se precisássemos disto. Na cultura do fã, em que vivemos, sonhamos ser iguais aos nossos ídolos.

O CONSUMISMO. Consumir torna-se, então, um estilo de vida. Ter é um prazer, não pelo eventual *status* que a posse traga, mas pelo comprar mesmo.

Assim, os *shopping centers* das grandes cidades ocidentais contemporâneas substituíram as catedrais do passado; ir a estes centros de compra tem algo de liturgia. Coloca-se a melhor roupa, chama-se os amigos, desfila-se com elegância.

Há sempre produtos para serem comprados. É como se os objetos discutissem o preço dos consumidores e os produtos avaliassem futuros consumidores...

Cada dia sai um novo aparelho que torna antiquado aquele que você comprou ontem. É uma corrida: a indústria e o comércio correm para fazer/vender produtos mais modernos e a gente corre para comprá-lo/exibi-lo na frente do vizinho. Ser moderno é competir... comprando.

Até o sexo é um produto de consumo; nele, não se possui coisas, mas se possui pessoas.

Para todas as suas necessidades, há produtos disponíveis. Mas se você não tiver necessidades a satisfazer, a publicidade cria estas necessidades também. Não se sinta culpado. Comprar já é uma necessidade.

O PANSEXUALISMO. Inventada a pílula anticoncepcional, retirou-se a relação causa e efeito do sexo. Antes dela, o resultado do ato sexual podia ser a gravidez, com toda a sua indesejabilidade. Na moral da procriação, a pílula não era sequer necessária. Com a moral do prazer, ela o era, bem como um dos seus subprodutos: os motéis à beira das rodovias.

Segundo esta moral permissiva, que no Brasil dos 80 tinha o nome de política do corpo, cada um faz o que quiser com o seu corpo. Ele lhe pertence como fonte de prazer, não de culpa; deve ser usado como fonte de alegria, não de medo.

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

(...)

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, as almas não.

(Manuel Bandeira, 1950)

Os autores que fizeram sucesso refletiram esta modernidade. Seus romances eram lidos, ao mesmo tempo, como uma justificativa para o prazer permitido pela nova mentalidade e como ato isolado de prazer por aqueles que apenas tinham o desejo de fazer o que as personagens dos livros faziam.

Era como se tudo fosse sexo. Era como se o sexo fosse o maior (por que não dizer o único realmente válido?) dos prazeres a ser buscado no corpo do outro; até mesmo do mesmo sexo.

Como parte desta chamada política do corpo e do medo da doença e da morte, houve uma revalorização do corpo, como na Roma antiga. Era importante ter um corpo bem cuidado, contornado pelo esporte e numa dieta alimentar saudável.

A publicidade levou isto às últimas conseqüências, ao desencadear uma espécie de ditadura da juventude; a sua beleza e força física foram erigidos como padrões para todos. Ser velho era uma coisa horrorosa.

Em todas estas práticas, não há culpa; apenas, ansiedade.

A CONSCIÊNCIA FELIZ: A ANSIEDADE DA PAZ

A crença fundamental de nosso século é que o objetivo da vida é a felicidade. E esta tem que ser conseguida a qualquer preço, mesmo ao custo de um eclipse total da razão.

Assim, para que o homem frua a vida, os conflitos reais têm que desaparecer, seja a base dos analgésicos e das drogas, seja no êxtase religioso, seja no frenesi da festa, seja no divã do analista, seja na cama do motel.

Evidentemente não faltam instituições e práticas para nos vender a harmonia, obtida pela sensação de ausência de conflitos. Não é difícil que estes produtos, propagandeados pelos meios de comunicação, façam sucesso, porque o homem moderno não busca o crescimento pessoal, nem a transcendência espiritual, mas apenas a paz de espírito, mesmo que falsa.

O princípio que rege estas vivências é o utilitarismo pragmático, segundo o qual uma coisa deve ser feita se ela pode ser feita. Não a moral, ou a moral é a moral do possível. Assim, se o conhecimento de uma equipe de cientistas lhe permite construir uma bomba nuclear capaz de matar as pessoas e preservar a propriedade, que a construa. Se o dono do botequim pode vender cachaça ao dependente já ébrio, que o venda. Sem culpa.

A BANALIZAÇÃO. Este “evangelho” da harmonia barata pode se representado por este anúncio de uma empresa imobiliária, parodiando os Dez Mandamentos:

- [icit]1. Não trabalharás.
2. Honrarás a paz.
3. Não te aborrecerás.
4. Deitarás e rolarás.
5. Cochilarás à sombra.
6. Bronzearás teu corpo.
7. Curtirás as ondas.
8. Lucrarás nos negócios.
9. Zelarás pelo teu dinheiro.
10. Viverás feliz para sempre.[fcit]

São estes os desejos do homem de hoje. Atrás da realização destes ideais da superfície, vão se sucedendo os modismos, sejam eles filosóficos, religiosos ou comportamentais.

Em outras palavras, tudo é banalizado: os laços familiares, as relações de amizade, os Dez Mandamentos, o sentido da vida.

Como tudo deve ter a característica de ser consumido rapidamente, todas as facilidades são oferecidas para obter o consentimento do cidadão. As escolas não ensinam a pensar, mas a reprodução dos conceitos. As ideologias se oferecem como de fácil entendimento. A religião se apresenta como não exigindo qualquer sacrifício do fiel. O que se busca é a adesão. Passa-se de um credo para outro como se troca de marca de roupa.

É como se vivêssemos numa sociedade de espetáculo, como tudo fosse o *show* que se vê, mas não se muda. Até mesmo crescer na vida é transformado numa representação, na qual a possibilidade da ascensão social executa-se magicamente, sem muito esforço: basta querer.

A ILUSÃO. Estas práticas viram mitos. Como os horóscopos diários, parece que alguns não acreditam neles, mas fazem de conta. Mas há aqueles que acreditam sinceramente.

Esta ilusão chega ao jogo da participação e à convicção da liberdade. Como as pessoas podem participar das decisões da vida comunitária e nacional, se muitas não compreendem os mecanismos da sociedade? Votar não confere cidadania. Antes, a cidadania está na qualidade do voto, dado com liberdade e consciência, à margem do populismo, do autoritarismo e da manipulação, enfim, do analfabetismo político.

Outro credo do otimismo moderno é a da existência da liberdade no chamado mundo liberal. Num comportamento próprio do superficialismo contemporâneo, procura ignorar-se que a liberdade de ser está condicionada pela de ter. É claro que este é um problema mais típico dos Terceiros Mundos, que reproduzem acriticamente as ideologias dos Primeiros.

A ANSIEDADE. O homem moderno pode não sentir culpa, mas vive mergulhado na ansiedade, definida como a sensação de estar no meio do trânsito de uma praça: para qualquer lado que se vá, vem um carro em sua direção.

Esta ansiedade pode ser filha do progresso, do progresso que não chegou, do progresso que não se alcançou, mas especialmente é filha do medo do progresso: a falta de certeza no futuro do mundo.

Mas a ansiedade é filha também da competição entre as pessoas. Vencer na vida parece pressupor a derrota do outro. Como isto parece não ter limite, as pessoas têm que superar sempre, sob pena de ficar para trás. Tudo tem que ser feito depressa, antes que o outro o faça. Não há quem resista. E a ansiedade torna-se uma companheira natural.

Mas também a ansiedade é filha da insegurança. Nosso mundo vive na fronteira do possível. A destruição do planeta não é apenas uma cogitação. Os arsenais de armas bioquímicas e nucleares armazenadas são suficientes para destruir a terra mais que 80 vezes, quando uma só já seria suficiente. Ademais, a forma como a natureza foi e está sendo dominada em nome do progresso pode acabar acabando com ela, logo, pondo fim à própria vida humana. Como e para que pensar no futuro, para a gente mesma ou para nós filhos? Como não ser habitante da morada da ansiedade?

Mas também a ansiedade é filha da dúvida. Desde que os viajantes do mar (como Cristóvão Colombo) e do espaço (como os astronautas da NASA) conheceram outros mundos, já não temos certeza de nada. Se tudo é relativo e até o universo está em expansão, já não temos certeza de nada. Já que aquilo em que acreditávamos ser o certo, agora pode ser errado e vice-versa, como ter certeza de alguma coisa? Será que Deus existe mesmo e a história humana tem um sentido e a moral é indispensável? Ou tudo é relativo? A dúvida existencial é mãe, pois, da ansiedade.

Mas também a ansiedade é filha do anonimato em que vivemos. Ninguém nos conhece. Não conhecemos ninguém, fora daquele pequeno círculo de parentes, colegas e amigos. Se você cair na rua, talvez fique ali caído. O anonimato não produz solidariedade. Por outro lado, isto lhe dá a liberdade de fazer o que quiser, que ninguém o está vigiando. Se isto é salutar, de outro lado lhe dá a sensação de solidão completa. Então, a ansiedade vem, com todas as suas manifestações, fazer-lhe companhia.

Mas também a ansiedade é filha da autonomia: o homem é o senhor do seu destino. Não há fatalismo, que não seja produzido pelo engenho e pelo braço humano. Se eu sou meu próprio senhor e faço minhas próprias regras, a quem recorrerei quando falhar? A mim mesmo. Este materialismo disfarçado do individualismo extremado me faz completamente livre, tão ética quanto existencialmente, mas provoca o vazio do eixo: em torno de que gira a minha vida? A percepção deste problema me faz ansioso.

Mas também a ansiedade é filha de uma realidade mais palpável: no mundo do trabalho, onde passamos a maior de nosso tempo e de onde tiramos nosso sustento, somos vistos como o instrumento de lucro. Se acham que não fazemos bem nosso papel, somos descartados. A falta de estabilidade nos faz ansiosos. Como produtores do lucro, a margem

deste lucro tem que ser obtida com o pagamento de baixos salários. Não saber se o que ganhamos será suficiente para saldar nossos compromissos, sejam eles essenciais ou criados artificialmente, nos torna vítimas da ansiedade.

O PLURALISMO: O ESPAÇO DO RELATIVO

Não importa a discussão se a religião voltou ou se simplesmente continuou. O fato é que ao lado das expressões religiosas tradicionais, o Ocidente conheceu novas expressões, vindas do Oriente ou falsamente vindas do Oriente. Esses novos movimentos vieram oferecer uma resposta à ansiedade do vazio de significado, sentido que a civilização técnico-científico-indústriomilitar não deu.

A volta (ou simplesmente permanência?) do interesse pela espiritualidade é uma direção de nosso tempo. Para confirmá-lo aí estão os chamados novos movimentos religiosos (ultra-cristãos, extra-cristãos e para-cristãos), que são um produto da civilização tecnológica, no sentido que visam preencher espaços e no sentido de que integram o racional da técnica e o irracional da sua fé. Eles se apresentam como modernos, na liturgia, na ética, mas manipulam o mágico como as religiões antigas.

Há lugar para tudo, até mesmo para a magia profana.

Religião é algo em que se segura, como na melodia cantada em vários credos religiosos: “Segura na mão de Deus e vai”. Neste sentido se pode falar que todos têm uma religião mínima. Basta ver a arte, basta ler as frases nos pára-choques dos caminhões.

Há lugar para tudo neste mundo de idéias plurais. O Ocidente não deixou de ser religioso; apenas o catolicismo romano perdeu o direito à exclusividade. Primeiro foi a Reforma, à base dos quais floresceram algumas das nações mais econômica e tecnologicamente desenvolvidas. Se isto não conferiu ao catolicismo o título inarreatável do atraso, permitiu aos protestantes afirmarem a validade da sua fé.

O segundo movimento foi representado pelo surgimento dos novos movimentos religiosos aparecidos no cenário após a segunda guerra mundial e com mais nitidez nos anos 60, como parte do movimento conhecido como contra-cultura. Possivelmente, sejam uma resposta ao relativismo resultante da desintegração da ética. O compromisso que exigem é de um grau sensivelmente diferente do cristianismo tradicional.

Graças a isto, atraem uma população que provém em grande parte de setores sociais não religiosos, geralmente recrutados na classe média instruída; seus adeptos formam uma espécie de meio cúllico, onde aparecem práticas distintas como vegetarianismo, yoguismo, ovnismo, reencarnacionismo, orientalismo, parapsicologismo, astrologismo, etc.

Sua membresia muda facilmente e há uma clientela que transita de um movimento para outro. Oferecem oportunidade para uma elevada participação elevada de leigos. Propõem de modo teórico e prático um novo estilo de vida cultural, com suas idéias tendo um caráter especializado contra o generalismo das velhas religiões: eles traduzem a espiritualidade em ações práticas diárias, o que lhes permite repensar e reeducar a relação entre o espiritual e o material.

Em resumo, eles constituem respostas às transformações sociais rápidas, proporcionando a seus membros um instrumento, seja para adotá-las, seja para tomar distâncias frente a elas.

Sem dúvida, esses movimentos ajudam a ampliar o horizonte do novo pluralismo religioso, uma marca da chamada modernidade.

Estes olhares podem ser visualizados no seguinte quadro:

A MIRAGEM

CARACTERÍSTICAS DO OLHAR DO SÉCULO

TENDÊNCIA

SECULARISMO

INDIVIDUALISMO

SÍNTESE/CARACTERÍSTICAS

O mundo moderno é fruto de um projeto dessacralizador

- . Perda do encanto (mistério) da natureza
- . A natureza como estando a serviço do homem
- . Autonomia contra a teonomia
- . Religião do progresso
- . A natureza como estando a serviço do homem
- . Autonomia contra a teonomia
- . Religião do progresso

SUPERFICIALISMO

O sentido da vida é a busca individual da felicidade

PLURALISMO

- . Busca da felicidade a qualquer preço
- . Irracionalidade das decisões e gostos
- . Horror ao silêncio
- . Baixa auto-estima
- . Consumismo como estilo mesmo de vida
- . Criação de necessidades de consumo inexistentes

. Obsolescência
planificada: objetos feitos
para durar pouco

. Pansexualização da vida

. Moral sexual do prazer e
não da procriação

. Voyeurismo: o prazer de
ver

. Culto ao corpo e à
juventude

Os conflitos têm que ser
superados a qualquer
preço

. Utilitarismo pragmático:
deve-se fazer o que se
pode fazer

. Banalização dos
relacionamentos e das
experiências

. Permanência acrítica de
mitos

. Exacerbação da
ansiedade

As expressões religiosas
não foram banidas

. Permanência das
religiões tradicionais

. Fim do exclusivismo
católico

. Surgimento dos novos
movimentos religiosos

. Mobilidade da membresia

. Espiritualidade prática

. Resposta às
transformações sociais
rápidas

EM DIÁLOGO COM OS AUTORES

1. Para entender a formação do mundo contemporâneo, é muito útil o livro de

BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à história contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar,

1974.

Numa linha de divulgação, veja os livros de Alvin Toffler, especialmente *O choque do futuro*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

Em tudo que é sólido desmancha no ar (São Paulo: Companhia das Letras, 1986) Marshall Berman analisa “a aventura da modernidade”, do século 18 ao anos 70 do século 20.

Sobre o narcisismo como característica da sociedade capitalista, leia LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo; a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

Um retrato diversificado da cultura contemporânea é feito por CALIGARIS, Contardo. *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: Ática, 1997.

2. Sobre publicidade e irracionalismo, em múltiplas visões, veja:

LORENZ, Konrad. *A demolição do homem; a crítica à falsa religião do progresso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MENA BARRETO, Roberto. *Análise transacional da propaganda*. Rio de Janeiro: Summus, 1981.

MUCCHIELLI, Roger. *A psicologia e da propaganda*. Rio de Janeiro: LTC, 1978. PACKARD, Vance. *Nova técnica de convencer*. Rio de Janeiro: Ibrasa, 1980.

3. A proposta do mito como contendo valores essenciais mesmo na modernidade é exposta por

KOLAKOWSKI, Leszek. *A presença do mito*. Brasília: EdUnB, 1981. O hedonismo como objetivo de vida merece uma crítica candente de FROMM, Erich. *Ter ou ser*: Rio de Janeiro: Zahar, 1979 e *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

4. Para entender a natureza da ansiedade, há estudos clássicos.

Uma análise filosófica e teológica numa perspectiva existencialista, da ansiedade contemporânea é feita por TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Para uma interpretação mais psicológica da ansiedade, continuam insuperados os livros de Rollo May, especialmente *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1975.

Um estudo da alienação na literatura contemporânea é oferecido de modo bastante amplo por FINKELSTEIN, Sidney. *Existencialismo e alienação na literatura norte-americana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

5. Para uma compreensão do fenômeno do pluralismo, tornaram-se clássicos os livros de BERGER, Peter. *Um rumor de anjos; a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1973 e *O dossel sagrado; elementos para uma teoria*

sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

Um resumo da questão, numa perspectiva latino-americana, é feito por SOUZA, Luís Alberto Gómez de. "Secularização em declínio e potencialidade transformadora do sagrado". *Religião e Sociedade*, 13/2, julho de 1986, p. 2-17. Nesse mesmo número, leia ainda BELLAH, Robert N. "A nova consciência religiosa e a crise na modernidade" (p. 18-37).

OS POEMAS

Foram transcritos das obras completas dos autores:

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

A EPÍGRAFE

Foi reproduzida de AZEVEDO, Israel Belo de. *Primeira viagem ao mundo da comunicação*. Rio de

PARTE 2

A Vertigem

O real habita num vasto mar de sonhos e emerge a cada instante para escolher seus próprios caminhos.

O que têm em comum a experiência avassaladora da globalização e a ubiquidade dos meios de comunicação de massa com idéias do fim da história, da pasteurização da ideologia, da impossibilidade da utopia e da aniquilação do emprego e com as atitudes de rendição incondicional à tecnologia, de aceitação sorridente do neoliberalismo de aplauso à vitória definitiva do mercado?

De tal modo essas experiências, percepções e atitudes se determinam e se interdeterminam que parecem inseparáveis da cultura contemporânea. Elas permitem ao homem viver de modo diferente as dimensões do tempo e do espaço.

Todas fazem parte daquilo que se convencionou chamar de pensamento único, como a indicar que a humanidade só tem um caminho a trilhar e só uma forma de interpretar sua própria realidade. Seria, também neste caso, burra a unanimidade?

A PASSAGEM DO OLHAR

Aquilo de que o espetáculo deixa de falar durante três dias é como se não existisse. Ele fala então de outra coisa, e é isso que, a partir daí, afinal, existe.

(GUY DEBORD, 1988)

A dinâmica social não tem calendário. Uma prova disso é que, para boa parte dos historiadores, o século 20 começou em 1914 e terminou em 1989. Há uma outra coisa incrível: nós modernos vivemos na pós-modernidade. Vivemos na pós-modernidade e não somos pós-gente. Simplesmente, somos pós-modernos mas continuamos vivos...

Sim, a dinâmica social tem determinado estranhas denominações. Pós-modernidade, esse bloco de características que questiona e se contrapõe aos valores modernos, é um conceito fluido. Em linhas gerais, a pós-modernidade marca o desencanto com o mundo, mundo que os modernos construíram. Mais que desencanto, é desalento, é impossibilidade de esperança no progresso.

O modernismo pode ser visto, então, como uma visão otimista em relação à capacidade humana de construir um mundo bom. Esta visão perdurou desde o século 17 até a Segunda Guerra Mundial. A partir daí, mudaram as palavras-chaves, que agora são outras: incerteza, incomunicabilidade, diferença e ausência de padrões. A este conjunto de percepções vem-se dando o nome de pós-modernismo (ou pós-modernidade). O termo é complexo, mas designa uma atitude mais crítica em relação às conquistas da modernidade.

O homem pós-moderno pode ser apresentado (a exemplo do que faz David Ray Griffin) como essencialmente pluralista e logo menos europeu, menos cristão e menos patriarcal. A experiência humana não está mais limitada à experiência sensorial e consciente, incluindo não apenas operações intelectuais mas também operações afetivas, estéticas, simbólicas e corporais. Cada indivíduo é sua própria autoridade. O sagrado não é mais identificado como uma realidade separada do cosmos (mundo), porque o próprio cosmos é sagrado por si mesmo.

A CULTURA DO EFÊMERO

Tudo o que é sólido se desmancha no ar. Para ser contemporânea, a frase de Marx precisa de uma paráfrase: tudo o que é sólido se

desmancha na tela de um televisor. Em outros termos, em nossa cultura, a realidade é aquela que é projetada na televisão.

O ideal humano tornou-se o ideal de aparecer na televisão. As profissões de maior *glamour* são aquelas cujo sucesso é medido pelo tempo que ocupa nas telas, como as de modelo, artista e jogador de futebol. No caso do artista-ator, não lhe basta ser genial no teatro; será desconhecido, a menos que seja pelo menos medíocre na televisão. No caso do jogador de futebol, a comemoração do gol perante as câmeras tem um coreografia própria, como se fosse mais importante do que o próprio fato de a bola ultrapassar a linha da trave.

Ser feliz é ser famoso. Ser famoso é estar na tela. A serem verdadeiras as confissões de alguns assassinos, alguns matam como forma de acesso à fama. É possível que alguns confessem crimes por alguns minutos (nunca, mais do que alguns dias) de notoriedade.

Há programas de televisão que, sob o pretexto de resolver os problemas, levam para o ar brigas (ensaiadas ou não, pouco importa) entre pessoas por desentendimentos. Essas pessoas fazem filas diante dos produtores, em busca de uma oportunidade para se exporem gratuitamente para todo o país...

Olhada sob a perspectiva de um tempo com um ritmo mais lento, a nossa cultura é a do efêmero. O império do efêmero é, na verdade, a imperiosidade do efêmero: não há como não ser efêmero, pois os consumidores precisam de novidades a cada dia. Como diz Alberto Dines, esta cultura é o resultado de uma precária colagem de pedaços de informações produzidas em massa e tratadas insuficientemente.

Assim, por exemplo, uma seca gigantesca no nordeste brasileiro não tem como ficar meses a fio nos telejornais (e nem nos jornais impressos). Pelo menos ali, ela tem que acabar, conquanto continue tão dramática quanto o era nos tempos em que provocava lágrimas, revolta e solidariedade no ar.

O caso da morte da princesa Diana, do Reino Unido britânico, em 1997, é emblemático. Depois de um casamento típico dos fictícios contos de fada, seu relacionamento conjugal ruiu e o mundo inteiro ficou sabendo dos detalhes do seu infortúnio. Sua vida era acompanhada por fotógrafos, cinegrafistas e repórteres... e por degustadores de intimidades ao redor do mundo. Quando ela morreu num acidente automobilístico ao lado do namorado, o mundo inteiro, que pagava a indústria da invasão de sua privacidade, fez coro para condenar este tipo de invasão... Enquanto condenava, não queria perder sequer um detalhe do funeral da princesa, registrado lance por lance (à custa de invasões de privacidade...) por fotógrafos, cinegrafistas e repórteres...

As mesmas pessoas públicas (por seu ofício de político, artista ou jogador de futebol) que reclamam da imprensa por desrespeito à sua

intimidade convocam-nos para visitar esta mesma intimidade, quando isto interessa a seus projetos pessoais. É como se a imprensa, especialmente a televisual, fosse um botão que se liga (“oi, como vão, companheiros?”) ou desliga (“fora daqui, seus invasores”) conforme o interesse da personalidade.

Vivemos, pois, na sociedade do espetáculo (ou seria melhor dizer que vivemos na sociedade-espetáculo?), em que há uma frenética busca por celebridades e celebrações (ainda conforme a expressão de Dines). Demonstra-se outro momento relacionado à princesa Diana. Por ocasião do primeiro aniversário da sua morte, não houve espetáculo. Os jornais impressos dedicaram-lhe pouco espaço, o mesmo acontecendo com os telejornais. Segundo os produtores de notícias, havia uma fadiga entre o público quanto ao assunto; explora não daria retorno.

A morte (ou a enfermidade de pessoas famosas) se tornou um circo. Durante a Copa do Mundo de Futebol (França, 1998), um dos jogos de seleção brasileira foi mostrado em alternância com o velório de um cantor popular. Quem se fixou na morte teve mais audiência.

No velho estilo romano, com pão e circo para o povo, permanecesse na moda, os governantes de hoje produzem espetáculo em busca da aprovação popular. Os comícios das campanhas eleitorais viraram *showmícios* que atraem centenas de pessoas que não estão em busca da plataforma política dos candidatos mas à procura do espetáculo gratuito que os artista contratados vão fazer.

Até as igrejas sofrem com este tipo de orientação e também se vêm seduzidas a fazer cultos espetaculares capazes de agradar aos seus públicos como se fossem fregueses de supermercado. Na divulgação que fazem, o destaque não é para o pregador, mas para o conjunto musical que vai se apresentar antes e após o sermão.

Não é, portanto, exagerado afirmar que a sociedade moderna é um grande *show*. Tudo é transformado em espetáculo, até mesmo a intimidade. Há revistas, por exemplo, que imprimem milhares de exemplares regularmente só porque mostram detalhes pessoais, às vezes nada edificantes, ou casas de personalidades famosas...

Por estes e outros meios, vendem-se imagens de felicidade. Pensa-se que a vida é uma sucessão interminável de espetáculos.

O MEIO COMO MENSAGEM

Se esta circunstância não absolve a nenhum dos protagonistas (produtores e espectadores, invasores e invadidos), serve para mostrar a perversidade dos meios de comunicação no mundo contemporâneo. Voltamos a Platão, para quem a realidade é apenas uma projeção de um mundo ideal, superior e absoluto. A realidade é aquilo que está

projetado nos meios de comunicação... Quem não está na mídia não existe... Aparecer é mais importante do que ser.

O real é o espetáculo. Ou vice-versa, que dá no mesmo.

Desde que o pouso do homem na lua foi transmitido ao vivo para todo o mundo, ficou difícil distinguir na imagem do real. Num sentido extraordinário, a clonagem de seres vivos segue o mesmo paradigma: como distinguir o clone (projetado e copiado) da matriz (realidade preexistente)?

Os meios para a transmissão da cultura tornaram-se eles mesmos a própria cultura. Nos termos paradoxais postos por Marshall McLuhan, o meio é a mensagem. Assim, quando se fala em cultura contemporânea, o conceito antropológico clássico tem que ser ampliado. Não se trata de incluir os objetos (que sempre estiveram incluídos) e sempre disseram algo a cerca do homem. Trata-se de incluir os canais invisíveis pelo qual se dissemina a cultura, com a diferença de que esta disseminação é tão rica quanto seu próprio conteúdo, se é que dá separar as duas coisas.

O mesmo paradoxo (sim, paradoxo, desde que olhado sob uma perspectiva pré-moderna) se aplica ao marketing, incluindo aí a publicidade. Numa sociedade de massas (conjunto amorfo de pessoas cuja sincronia é a assincronia), não basta fabricar um produto e fazê-lo chegar aos pontos de venda. É preciso que os consumidores conheçam e reconheçam primeiramente a necessidade de fruir precisamente os produtos daquela marca.

Além disto, os meios de comunicação, que parecem determinar os ideais pessoais, precisam oferecer novidades em busca da conquista ou da manutenção da audiência. No caso de um jornal diário, a primeira página precisa ser atraente. Só assim o periódico se destacará da concorrência e será comprado. No caso da televisão, quanto maior é a audiência potencial (como nas tardes de domingo), maior será a disputa e maior será a tendência de promover quadros espetaculares,, para captar a atenção de um número cada vez maior de pessoas.

Um dos problemas para os comunicadores é que, com o crescimento das informações visuais, reduziu-se a capacidade das pessoas em prestarem atenção a um determinado assunto. Sem que isto seja uma ofensa às crianças, tem havido uma constante infantilização das pessoas adultas. Tudo, então, tem que ser rápido e colorido.

Os fatos precisam ser transformados em produto, para que possam ser percebidos, ou melhor, consumidos (comprados). Até mesmo iraquianos em 1994 (guerra do golfo), transforma-se num espetáculo, com poucas informações e muitas imagens.

Um dos produtos mais festejados é próprio corpo. O sucesso da música contemporânea tem muito a ver com isto. Entre os grupos brasileiros

(particularmente entre aqueles que formam o que se convencionou chamar de pagode) há alguns cujo faturamento mensal supera a US\$ 1 milhão.

Ora, como conseguir isto, senão pela publicidade?

Em todos os tempos, as pessoas vivem de vender alguma coisa. Como há mais gente para comprar e mais produtos a serem oferecidos, vender se torna cada vez mais vital. Não basta produzir. É preciso vender.

Este é objetivo único das empresas. São as vendas que garantem nossos empregos e, por conseguinte, nossas sobrevivências. As estratégias de venda são um campo de conhecimento conhecido como marketing. Trata-se de uma palavra inglesa, que quer dizer “mercadejar” ou “colocar algo à venda no mercado”.

Mercadejar é uma necessidade de todas as empresas e organizações. Ou fazem ou fenecem.

SERÁ ISTO DEMOCRACIA?

A pergunta mais comum é se este novo mundo, mediado/mediatizado (ou seria midiado/midiatizado?), é mais democrático.

Os eufóricos vêem a informação, disponibilizada pelas tecnologias digitais, alcançando um público explosivamente maior. Como resultado do aumento da oferta deste tipo de produto/serviço, os integrados antevêm a cultura contemporânea inserindo-se uma nova era, em que as relações sociais e políticas são, pela primeira vez na história da humanidade, verdadeiramente democráticas.

De fato, em termos de acesso à informação, o tempo é de transbordância. Os aparelhos de recepção são vendidos a preços e prazos acessíveis a um número cada vez maior de pessoas. Os aparelhos de emissão de massa continuam longe de uma propriedade democrática; no entanto, pessoas e grupos dispõem de meios, possibilitados por tecnologias novas, para a transmissão de idéias a públicos restritos (comparados ao espectro atingido pelos veículos de comunicação de massa) conquanto dispersos.

Dois exemplos desta democratização da propriedade dos meios são reprografia e a internet, associadas ao computador pessoal. A um custo baixo, uma pessoa ou uma organização pode editar um jornal ou publicar um livro com uma qualidade próxima à fornecida pela indústria e distribuí-lo a seu público. De igual modo, qualquer pessoa, grupo ou empresa pode manter um *site* na internet, onde pode “prover” seu público com informações e idéias como se fosse uma publicação impressa e mesmo, se for o caso, colocar no ar uma emissora de rádio e televisão. Os avanços previstos indicam a ampliação dessas

possibilidades, em termos de qualidade e custo.

Neste cenário, da qual participam produtores e consumidores de comunicação, nota-se que pelos meios que se dá hoje a gestação ideológica do mundo, embora, como mestra Muniz de Sodr e, a partir de uma retórica tecnoburocrática de inspira o nitidamente gerencial.

Por isso, diferentemente de uma autenticamente democratiza o, o que se tem   o ilusionismo, demagogia e populismo.

Diferentemente, portanto, do que enxergam os integrados, o que ocorre   o enfraquecimento ou mesmo o retraimento da individualidade do sujeito. O perigo maior reside no fato de que esta aliena o   fortalecida precisamente pelo gigantesco poder que o indivíduo tem para escolher objetos de consumo, como se isto lhe garantisse sua autonomia, numa espécie de repto   heteronomia. Segundo esta visão, em lugar de democracia, estamos, na realidade, diante de um novo tipo de domina o,   qual se poderia chamar de ditadura dos meios.

A democracia representativa (exercida por meio de partidos e da integra o entre os três poderes clássicos: legislativo, executivo e judicial)   substituída por uma democracia plebiscitária. A opinião do povo não tem mais a media o dos seus representantes mas   exercida diretamente por meio da emula o de um referendo popular, que são as pesquisas de opinião pública dos institutos de pesquisa.

Na sociedade de massas não há como o eleitor conhecer pessoalmente seu candidato. Ou em outros termos: o candidato que tiver os sufrágios apenas daqueles a quem se deu a conhecer face a face, seja na convivência, no aperto de mão ou num com cio, simplesmente não será eleito. Seu palanque   a página impressa, onde essas idéias são secundárias (porque o tempo   curto) e onde importam sua voz e seu rosto. Ele, enfim,   um artista;   no artista que se vota.

Estamos, pois, de um novo tipo de democracia, o que reforça a convic o de que não há democracia possível sem comunica o. Por esta razão, não há possibilidade de uma democracia sem uma educa o dos meios e para os meios de comunica o.

EM DIÁLOGO COM OS AUTORES

Para uma discussão dos temas tratados neste capítulo, são úteis os seguintes estudos, entre outros:

BOURDIEU, Pierre. *Sobre televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo, 1997.

DEBRAY, Régis. *Curso de midiologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DINES, Alberto. *A moda ética e a ética sem dor*. Em: AZEVEDO, Israel Belo de. *Primeira viagem ao mundo da comunicação*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1988, p. 120-123.

FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GATES, Bill. *A estrada do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

SODRÉ, Muniz. *A invenção da cultura*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SUBIRATS, Eduardo. *A cultura como espetáculo*. São Paulo: Nobel, 1989.

Para acompanhar os pensamentos Marshall McLuhan e David Ray Griffin, veja *sites* na internet, a partir das plataformas de busca. Griffin pode ser visto a partir de <<http://www.ctr4process.org>>

A EPÍGRAFE

Foi retirada de DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo, 1997.

Em todos os lugares, tudo cada vez mais se parece com tudo o mais, à medida que a estrutura de preferências do mundo é pressionada para um ponto comum homogeneizado.

(JACQUES ATTALI)

Nosso tempo é o tempo dos fins.

Em algumas páginas do último quarto do século 20 foram decretadas várias mortes, que são, no fundo, um óbito só: da utopia, depois que o mercado se autoproclamou como a solução para todos os males da sociedade, reduzindo o princípio coletivo da esperança a um mero conjunto de desejos individuais; da ideologia, depois que o socialismo se desmanchou no ar, desesquerdizando (definitivamente?) o mundo; do emprego, depois que a informalização e automomação do trabalho compactou o número de profissionais necessários para a realização de determinadas tarefas; da soberania dos Estados, depois que o capital financeiro passou a fazer circular seus recursos pelos mercados acionários e apátridas, graças a uma superabundância sem precedentes e ao uso intensivo de aceleradas tecnologias de informação e comunicação, que lhe permitem participar da atividade econômica como se fosse um jogo; da história, depois que o ideal humano foi tomado como tendo sido realizado com o triunfo da livre iniciativa e da livre empresa típicas do liberalismo; de Deus, depois que o homem o expulsou como inútil e desnecessário; do homem, depois que seu cadáver insepulto viu fugirem sob seu corpo todas as suas referências (profissionais, estéticas, éticas e religiosas).

Por mais que esses passamentos pareçam perfomances bufas, seus epitáfios foram escritos como tragédias. Mesmo os integrados, que riem de felicidade, alimentados pelas benesses da técnica e pela confirmação dos seus vaticínios, logo franzem os cenhos. Mesmo os apocalípticos não podem deixar de reconhecer as maravilhas da máquina e de ampliação dos espaços de participação na construção pública.

Por isso, se o futuro seguir (quem o pode garantir?) a trilha do presente, é possível que ele solidifique algumas marcas deste tempo, das quais cinco devem ser destacadas:

1. mantida a atual tendência, veremos concretizado o fim de um sonho: o do emprego, aquele emprego visto como uma meta a ser alcançada, especialmente pela segurança (de salário e seguridade social) que oferece. Se o trabalho matar mesmo o emprego, como parece, viveremos o pesadelo da mudança permanente.
2. seguida a onda contemporânea, veremos realizado o fim de uma utopia: a bandeira (coletiva) da transformação social será substituída por

bandeiras (individuais).

3. desenvolvida a visão do momento, testemunharemos o fim de um paradigma gnosiológico, com a possibilidade da aceleração da aprendizagem ou da entrada nele a partir de múltiplos nós ou portais (pontos de passagem).
4. observado a amanhã o movimento de hoje, o lúdico dominará totalitariamente todas as atividades humanas, do trabalho ao lazer, do estudar ao ler, diante do fascínio das tecnologias que convergem para a tela e para a tela do computador.
5. correndo o rio para onde está fluindo, notaremos também outro tipo de aceleração: a da idade social, em função da exposição precoce e intensa aos estímulos televisivos, mesmo que (ou especialmente porque) a absorção dos conteúdos e valores se dê num plano não consciente.

O MERCADO GLOBAL

Os anos 90 nos familiarizaram com uma palavra de classe mundial: globalização (ou globalismo). Ela não pôde ser ignorada porque chegou ao mais modesto armazém de bairro, onde os moradores dos bairros periféricos passaram a poder comprar produtos oriundos de países até então “inexistentes”. Até caixas-de-fósforo se tornaram produtos de circulação global.

O processo em curso, que alguns preferem chamar de neoglobalização, busca a unificação do mundo num efetivo mercado global, como se não houvesse mais sociedades nacionais, mas apenas mercados e redes de comunicação, que, por sua volatilidade, parecem saídos de programas de realidade virtual. O resultado é, em escala mundial, mais concentração e mais centralização de capitais.

Uma decorrência disto é o processo, muito comum nos anos 90, de fusões entre e aquisições de empresas, num frenesi jamais visto na história da humanidade. Aliás, este processo se constitui na única novidade nesta fase da globalização. O resultado, segundo Chesnais, é a ampliação da concentração econômica precisamente para aqueles dos setores com alta intensidade em pesquisa e desenvolvimento ou de elevada tecnologia.

À pergunta se esta fase da globalização é causa ou efeito da aceleração do avanço tecnológico, especialmente nas áreas da informática, das telecomunicações e da microeletrônica, a resposta é dupla. È esta mesma transbordância tecnológica que vem permitindo que o sistema financeiro ponha seu foco mais na movimentação financeira entre mercados (não propriamente entre nações, que se vêem impotentes para controlar seu fluxo e refluxo aparentemente irracional) e menos na produção.

Os efeitos do novo cenário tecnoeconômico (que junta tecnologia com economia, mas: quem veio primeiro: a massificação dos bens eletroeletrônicos ou a unificação dos mercados?), como experimentado pelos países minimamente integrados, são imensos sobre as vidas das pessoas.

Para ficar ainda apenas no plano descritivo, esta junção tem reflexos econômicos, culturais, psicológicos e teológicos. No plano econômico, a consequência mais visível recai sobre a natureza e o nível do emprego. O exercício das profissões vem sofrendo alterações tão significativas que algumas delas simplesmente têm desaparecido. Outras têm surgido.

O crescimento da produção e da população, no entanto, não é acompanhado pelo incremento da oferta de oportunidades de trabalho. Graças à superação tecnológica, produz-se mais com menos gente. Por esta razão, o maior desafio contemporâneo é a falta de trabalho para um número cada vez maior de pessoas, o que levou à afirmação de que o emprego chegou ao fim, o que é um exagero, como todos os outros já proclamados fins.

No plano psicológico, os efeitos não são menores. O uso dos artefatos tecnológicos se tornou um estilo de vida. Eles podem até não ser necessários, mas usá-los firmou-se como uma necessidade. Relógios que marcam digitalmente os segundos são itens obrigatórios mesmo para quem a sabedoria das horas já seria suficiente. Muita gente se sente melhor portando um “pager” ou telefone celular, mesmo que deles não precise. Estar conectado com o mundo o tempo inteiro tornou-se um estilo de vida... ansioso.

Além disso, com a criação da imensa categoria dos analfabéticos (analfabetos digitais), o universo dos excluídos vem diminuindo por causa da enorme pressão, exercida pelas empresa de produção e pelas novas gerações. Obviamente este estado de coisas provoca uma densa ansiedade sobre os sem-computador, pouco importando se aí se encontram por opção ou por falta de recursos para adquirir um.

No plano cultural, o discurso mundial sobre a globalização se tornou uma espécie de pensamento único. A homogeneidade provoca uma homogeneização da cultura, como se os padrões estéticos pudessem (e devessem) ser exportados. A tendência à pasteurização cultural, especialmente a partir da produção cinematográfica norte-americana não é nova; a diferença é que ela agora é recebida com muito menos (e, por vezes, nenhuma) resistência por parte das culturas regionais. As velhas tensões entre colonizador e colonizado desapareceram: o negócio é consumir (e imitar) Hollywood... sem vergonha.

No plano teológico, o mercado virou um deus, capaz até de produzir justiça e igualdade, e a tecnologia virou um ídolo, capaz de nos dar tudo que lhe pedimos...

À educação se põe um desafio, que pode ser tomado como uma escolha. Qual é sua tarefa: formar para a empregabilidade ou formar para a consciência crítica?

Para uns, como o momento exige que cada profissional seja múltiplo, tanto em termos de competência técnica quanto de capacitação para exercer uma nova atividade, cabe à educação preparar os estudantes nestes termos. Uma vez que, contra a incerteza do emprego e a tragédia do desemprego, a melhor proteção é a posse de habilidades e conhecimentos para os quais há demanda, só resta à educação inocular nos estudantes estas habilidades e estes conhecimentos.

Para outros, como Frigotto, a tarefa precípua da educação é reafirmar efetivamente os valores da igualdade, da solidariedade e da necessária ampliação da esfera pública democrática. Seu objetivo deve ser o de levar os estudantes a se contraporem à liberdade e à qualidade de vida para poucos, uma vez que são ambas reguladas pelo mercado e desenvolvidas a partir das perspectivas do individualismo e do privatismo.

Segundo esta crítica, o capitalismo quer responsabilizar o empregado pela crise do desemprego. Não se fala mais em preparar para um determinado emprego (profissão) mas para a empregabilidade (habilidade de fazer o que for possível e de mudar sempre que o mercado o exigir).

A SÍNDROME DOS FINS

As visões diferentes em torno das causas/soluções do emprego/desemprego contemporâneo são uma indicação de que, a despeito do que celebra boa parte dos discursos vigentes, a ideologia está no centro de que qualquer interpretação do mundo.

A globalização como ícone de uma época põe em cena também o tema da permanência da utopia em nossas sociedades. A sensação generalizada é que não há mais lugar para ela, seja porque a história chegou ao fim, seja por causa das sucessivas derrotas nas causas públicas.

Globalização, tecnologia, (neo)liberalismo, ideologia e utopia são temas que só podem ser tratados em conjunto, para o que serve como emblema à proposta do fim da história.

Depois do fim de tudo e num esquema que funde o ideário liberal e a epistemologia positivista, Francis Fukuyama propôs o término da história, entendida como uma luta em direção a uma síntese, formada pela razão e pela liberdade. Ora, o antagonismo ideológico (capitalismo x comunismo) que perdurou dos anos 20 aos 80 deste século se dissipou com a defenestração do socialismo e o conseqüente arriamento de sua

bandeira.

Apesar do fracasso do capitalismo em atender às necessidades que sustentaram por mais de meio século o ideal comunista, ele está triunfante, como se o modo capitalista de vida fosse efetivamente o único possível. Só o tempo dirá se o sonho coletivo encarnado pelo socialismo permanecerá como um cadáver insepulto ou a incompetência do capitalismo em dividir o bolo entre todos os atores sociais fará a caveira socialista a tremular sobre as cabeças como uma flâmula.

Obviamente a afirmação desses triunfos é uma declaração que só pode ser feita pela lógica da ideologia, que só uma consciência crítica pode desmascarar. Novamente, não se trata de negar a ideologia, nem de reconhecer o seu fim, mas de confirmar sua perversidade em todos os sistemas de interpretações do mundo.

Novamente, a afirmação destes triunfos significa o fim da ideologia, mas da ideologia enquanto ideal socialista. Assim como ocorreu com Fukuyama, o título do livro de Daniel Bell induziu muitos não leitores do livro à idéia do término da ideologia enquanto representação do mundo. Para aquele autor, o que se esgotou foi uma certa fórmula (a fórmula “esquerdista”) de mudança social.

O mesmo princípio se aplica ao problema do fim da utopia, embora ele seja mais complexo, especialmente. No caso do socialismo, ideologia e utopia acabaram por se tornar sinônimas. Quando os horrores do socialismo real correram o mundo, a bipolaridade global cedeu lugar, na mente das pessoas, à un(anim)idade, como se os ideais de uma sociedade sem denominação de classe (uma classe sobre a outra) não fossem uma utopia tão antiga quanto a história e como se apenas o socialismo fosse o arauto dessa causa.

Durante aquelas décadas de equivocadas certezas, encerradas com martelos e tratores derrubando a divisão do mundo (simbolizada no Muro que dividia a cidade de Berlim) em que o mundo era preto ou branco, esqueceu-se que a natureza humana é cinza. Quando se pintava o branco, ele não continha impureza. Quando se compunha o preto, ele era puro.

Foi como tivesse ruído o princípio da esperança, afinal já realizada... com o capitalismo. Partidos comunistas ao redor do planeta chegaram a trocar de nomes.

Então, tornou-se anacrônico falar em justiça e igualdade, alcançáveis pelo trabalho individual. A utopia, sempre coletiva, acabou. Sobraram apenas os sonhos, necessariamente individuais, de realização, conquista e vitória pessoal, numa celebração do velho valor de “cada um por si”.

No caso brasileiro, o triunfo do individualismo e da anomia tem profundas raízes. Alguns momentos da história brasileira são indicativos

da dificuldade do cultivo do princípio da utopia e, ao mesmo tempo, da sua permanência. A maioria dos projetos que mobilizaram setores da sociedade não redundou em mudança.

A independência política em reação a Portugal, luta na qual foram feitos mártires e heróis, acabou proclamada num acordo de cavaleiros, sem platéia. A introdução da República, em substituição ao regime monárquico, já teve platéia... que apenas assistiu, já que a mudança pouco (ou nada) alterou seus destinos.

Na remoção da maior nódoa de nossa história, a escravidão negra, a “libertação” não foi seguida de qualquer tipo de reparação, moral ou financeira. Na maioria dos casos, a condição dos libertos ficou pior (para si e para seus descendentes) do que a anterior, cabendo purgar o preço de decisões que não tomaram.

Já com o país em sua fase inicial de urbanização, começaram os *slogans* nacionais. Talvez o primeiro deles tenha sido o famoso “O petróleo é nosso” (que significa a estatização do solo brasileiro), que levou muita gente à prisão e depois foi absorvido pelo Estado como ideal constitucional, para ser retirado muitos anos depois como algo anacrônico e prejudicial aos interesses brasileiros.

Nos anos 50, veio a euforia, da democracia e do desenvolvimento, de que foi símbolo a fundação de Brasília. Depois de um hiato, em que se tentaram frustradamente também, reformas de bases, o país experimentou algo que à época se chamou de milagre, milagre que não beneficiou a maioria da população.

Ao mesmo tempo, o ideal dos anos 60 (de reformas) levou alguns a escolherem o caminho da luta armada, por meio de guerrilhas rurais e urbanas; se a opção de chumbo não se espalhou, foi suficiente para receber a adesão de intelectuais e de jovens, que conheceram o desmantelamento, a morte, a prisão e/ou o exílio.

Quando quiseram voltar ao país, parte da sociedade se mobilizou em torno de uma anistia ampla, geral e irrestrita. O governo militar cedeu, mas impôs suas condições, suficientes para que a maioria voltasse mais insuficientes para que o terrorismo de Estado fosse julgado.

Então, o Brasil (e aí não foi apenas a classe média) se uniu por eleições diretas para os cargos majoritários (prefeitos, governadores e presidente da República). Depois de toda a mobilização, o presidente ainda foi escolhido de modo indireto, embora fosse quase uma unanimidade para liderar a passagem. No entanto, este presidente (Tancredo Neves) morreu antes de tomar posse, assumindo em seu lugar o vice (José Sarney), representante completo do antigo regime...

O processo de escritura da nova constituição brasileira é outro exemplo de frustração. Os trabalhos da Constituinte conseguiram envolver,

especialmente em alguns temas, boa parte da sociedade brasileira. Muitos dispositivos jamais foram regulamentados e pouco depois ela passou a ser anunciada como defasada e carente de ser reescrita.

Os anos 90 foram a década da moralização. Um presidente (Fernando Collor) foi afastado, depois de milhares de pessoas, especialmente adolescentes de rostos pintados com as cores nacionais, saíram às ruas em protesto contra suas práticas de confundir interesses pessoais com os públicos. O máximo que lhe aconteceu foi perder os direitos políticos por um tempo, tempo que o forçou a um amargo exílio... numa mansão ensolarada de Miami e nas pistas de esqui de Aspen. Os esforços moralizantes que se seguiram, por pressão de parte da população, provocaram a disseminação de uma frase bem brasileira: “por aqui tudo termina em pizza”.

Até mesmo o fim da inflação, no final do século, resultou numa tristeza insondável: o desemprego transformado em fantasma vivo...

Que podem esperar as pessoas, se não podem ter certeza de que terão um trabalho pelo qual se sustentarem? Que estímulo podem ter os jovens nas escolas e nas universidades, se não sabem se, depois de deixarem os bancos escolares, encontrarão possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional?

EM DIÁLOGO COM OS AUTORES

1. Uma descrição lúcida do século está em HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

2. Para uma visão geral da globalização, como movimento e cultura, é recomendável consultar, entre muitos outros:

CHESNAY, Jean. *Modernidade-mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995.

DREIFUSS, René A. *A era da perplexidade*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.

IANNI, Otávio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

KAPLAN, E. Ann. *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Rio de

Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LATOUCHE, Serge. *A ocidentalização do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAGNOLI, Demetrio. *Globalização; estado nacional e espaço mundial*. São Paulo: Moderna, 1997.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

3. Sobre o fim da história, há um bom debate em: LEFORT, Bernard (org.). *O fim da história*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Sobre a impossibilidade de uma filosofia da história, veja MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Psy II, 1995.

4. Acerca do estatuto da ideologia na sociedade pós-marxista, leia BELL, Daniel. *The end of*

ideology; on the exhaustion of political ideas in the fifties: with a new afterword. Boston:

Harvard University Press, 1988.

AS FORMAS DA PERMANÊNCIA

A ocupação de espaços na mídia, na política e na filantropia é parte de uma estratégia de guerra, visando a redução da área de influência e ação de Satã. Estamos, portanto, diante de fortes motivações religiosas que dão impulso à ação destas igrejas. O que há de mais poderoso nas igrejas neopentecostais parece ser não uma questão de marketing ou política, mas justamente o enorme potencial mobilizador que esta cosmologia religiosa guerreira apresenta.

(WILSON AZEVEDO, 1997)

Quanto mais secular e tecnológico é uma sociedade, mais mística é. A permanência do misticismo é uma indicação clara de que a vida não se esgota na satisfação das necessidades materiais.

Quanto mais educada e rica é uma sociedade, mais religiosa é. A permanência das igrejas é um sinal evidente de que a vida não se esgota no plano racional e que o ser humano tem necessidades espirituais que só a religião preenche.

Nenhuma pessoa pode descansar, seja ela instruída ou analfabeta, pobre ou rica, enquanto não descansar em Deus, como advertiu Agostinho (cristão do século 4).

É esta dimensão que explica o fato de as pessoas adorarem a Deus em suas casas e em seus templos. Esta mesma dimensão também explica que os outros indivíduos procurem atender de forma diferente suas carências espirituais, nem que seja por um serviço 0900. O pluralismo religioso é uma consequência disto.

O FASCÍNIO DO FASCINANTE

O fenômeno expansionista da Igreja Universal do Reino de Deus é apenas uma ponta do imenso *iceberg* religioso. Pode-se explicar seu sucesso pelo uso de técnicas eficazes de arregimentação de adeptos. No entanto, não se pode esquecer que o produto vem sendo comprado porque os consumidores encontram nele satisfação para suas necessidades. O crescimento do neopentecostalismo e a permanência de movimentos religiosos de fundo oriental indicam que a volta (ou simplesmente permanência?) do interesse pela espiritualidade é uma direção de nosso tempo.

No caso latino-americano, parece evidente que esses movimentos

religiosos que queiram ser, desafiam a concepção política vigente do mundo. Não é por outro motivo que, quando eles irrompem no interior de uma religião e/ou igreja, são condenados como heréticos, não importa o quanto de ortodoxia contenham.

PARA UMA TIPOLOGIA

As necessidades espirituais são atendidas por religiões, igrejas (ou denominações), seitas e movimentos.

Desde Max Weber e Ernst Troeltsch, acostumou-se a olhar os fenômenos religiosos com o auxílio da tipologia religião/igreja/seita. Os chamados novos movimentos religiosos (ultracristãos, extracristãos e paracristãos) aparecidos no cenário após a segunda Guerra Mundial e com mais nitidez nos anos 60, como parte do movimento conhecido como contracultura, tornaram ainda mais insuficiente aquela tipologia clássica.

Num esforço para recuperar esta tipologia e de abarcar outros fenômenos, pode ser útil a seguinte tipologia, elaborada a partir da experiência cristã e tendo como recorte o cronológico embate dos anos 70 e 80:

- religiões
- igrejas
- movimentos
- seitas
- agências

É comum pensar-se nas religiões como grandes sistemas, bem elaborados, e que comportam igrejas (pode-se falar em igreja com referência a movimentos religiosos orientais bem cristalizados?), seitas e movimentos. Assim, religiões são sistemas antigos, com divindade(s), cosmogonias, teodicéias e soteriologias próprias, todas expressas num livro sagrado absoluto.

As igrejas (internamente também chamadas de denominações) são a formalização hierárquico-jurídica de um conjunto doutrinário no interior de uma religião. São elas que reorganizam ou rotinizam teológica e eclesiasticamente as doutrinas e práticas de uma religião. Essas instituições se caracterizam por tomar posse dos valores dessa religião como se lhes fossem peculiares.

As seitas são agrupamentos no interior de uma igreja e geralmente se centralizam em torno de um líder e de um conjunto de regras

doutrinárias e práticas. Em linhas gerais, elas surgem voluntariamente no interior de igreja estabelecida, recrutam adeptos pela conversão ou aceitação da sua doutrina, impõem um rígido código de ética (escrito ou não) e mantêm uma atitude de afastamento da sociedade.

Os movimentos religiosos são manifestações de religiosidade paralela e tributárias das grandes religiões. Elas canalizam e satisfazem necessidades que transcendem o plano das carências meramente religiosas. Enquanto movimentos, não se preocupam muito em ser uma organização burocrática.

Esses movimentos formam um conjunto de crenças não estruturadas que se colocam à margem das religiões e das igrejas. Eles atraem uma população provinda em grande parte de setores sociais não religiosos. Seus adeptos, comumente recrutados na classe média instruída, formam uma espécie de universo próprio, onde aparecem práticas distintas como a alimentação vegetariana, a crença em discos voadores, a meditação da yoga, a crença na reencarnação, o interesse religioso pelos fenômenos parapsicológicos e paranormais, a crença em horóscopo, tarôs e outras práticas de adivinhação.

Por sua vez, as agências não governamentais de origem religiosa são organizações de serviço social ou de serviço religioso, Estas têm seus integrantes recrutados geralmente nas igrejas e que atuam por meio delas ou ao longo delas.

As experiências místicas de formação recente — como aquelas que são manifestas nos chamados novos movimentos religiosos e em algumas seitas — são as que mais despertam interesse.

AS SEITAS

Tomando a tipologia utilizada aqui (segundo a qual seita é uma manifestação religiosa centralizada em torno de um líder e de um conjunto de regras doutrinárias e práticas bem definidas), as seitas podem ser vistas como proprietárias das seguintes características:

- . surgem no interior de uma religião e/ou igreja estabelecida;
- . são grupos de associação voluntária;
- . recrutam adeptos pela conversão ou conhecimento/aceitação da doutrina do grupo;
- . dão ênfase à reta doutrina, a qual é tarefa de todos defender (daí, motos como “defesa da sã doutrina”);

- . impõem um código de ética (escrito ou não) rígido;
- . afirmam o sacerdócio universal dos crentes, pelo que incentivam a participação dos leigos e destacam a irmandade pessoal;
- . mantêm uma atitude de afastamento da sociedade (do Estado, da política, etc.), constituindo-se numa espécie de contracultura ou subcultura auto-sitiada.

Duglas Teixeira Monteiro estudou seitas ultrapentecostais de cura divina na cidade de São Paulo. Suas conclusões ajudam a entender um pouco o fenômeno das seitas, conquanto não se apliquem a todas:

- . organizam-se como se fossem empresas destinadas à produção e distribuição de bens e de serviços religiosos a determinado mercado, numa autêntica comercialização de bens espirituais, segundo a expressão de Rubem Alves;
- . não estão muito preocupados com a finalidade de suas clientelas;
- . há uma convergência objetiva entre suas práticas religiosas que remontam a tradições diferentes, senão antagônicas;
- . nelas, é menor a importância das querelas doutrinárias e é irrelevante a formação teológica dos seus agentes;
- . a Bíblia passa a ser um instrumento de legitimação do poder de “operar maravilhas”;
- . há um relacionamento direto entre pecado e doença, mas há pouca exigência em termos de conduta moral.

OS MOVIMENTOS

Movimentos são como as ondas do mar tentando alterar a geografia da praia. Seu fluxo-refluxo pode ser comparado à moda. Há ondas que quebram antes de chegar à praia. Há ondas que chegam à praia e provocam mudanças. Diante de uma onda no alto mar, não se pode saber se ela vai chegar às areias. Se não chegar, será como a moda fugaz da roupa de uma estação ou de um bar de esquina onde todos vão por um período; se chegar, deixará de ser uma moda, para ser um movimento, que, mesmo que não tenha vindo para ficar, traz mudanças na topografia da praia, como o uso do *jeans*.

No oceano latino-americano, podem-se contemplar muitas ondas. Esses movimentos podem ser de natureza social, religiosa ou

teológica. E cada uma delas desliza sobre sedimentações multisseculares. No geral, são direções dentro de um universo permanentemente em expansão.

No universo social, todo olho precisa ver alguns movimentos, sob o risco (infelizmente real) de as igrejas falarem de um mundo e seus ouvintes viverem em outro.

De passagem, merecem menção o ecologismo, com sua recusa a cultuar a técnica; o participacionismo, com a efervescência dos movimentos de organização comunitária, e o consumismo, com a transformação dos centros comerciais (*shopping center*) em centros litúrgicos (onde as pessoas vão, com roupas próprias, cumprir um ritual previamente demarcado).

Há uma outra categoria de movimentos sócio-religiosos de resistência ao movimento hegemônico de uma sociedade, cujo estudo oferece luzes para uma compreensão dos movimentos “puramente” (se é que existem) religiosos e/ou teológicos e mesmo as seitas. Esses movimentos nascem de mitos elaborados para explicar o mundo, sejam eles cosmogônicos, cataclísmicos, apocalípticos, salvacionistas, milenaristas ou messiânicos.

Que é chamada “renovação espiritual” (protestante) ou “renovação carismática” (católica), se não um tipo de milenarismo a lembrar a perda de um poder, o da comunicação direta, efusiva e extática dos fiéis com seu Deus, e a proclamar a volta deste poder por meio de determinadas práticas rituais? Posto de outro modo, o grande avanço pretendido é uma volta a um paraíso perdido, localizando num espaço temporal (a igreja do Novo Testamento) e psicológico (a comunicação pelo êxtase).

Que é o adventismo do sétimo dia (e que são todos os grupos religiosos que põem sua ênfase na destruição iminente do mundo e a salvação de alguns poucos eleitos), senão uma espécie de apocalipticismo?

Que são a teologia da libertação e a teologia holística de terceira geração, fundadas na crença de que os pobres — no caso, revestidos da força de um herói mítico — salvarão a história, senão um messianismo?

Que são os ultra e os neopentecostais, com sua crença na necessidade de se evangelizar o mundo inteiro sozinhos para salvá-los e batizá-lo (num modelo próximo do de cristandade católica), senão uma variação do salvacionismo?

Dependendo de sua matriz, esses movimentos podem ser exógenos ou endógenos. Os exógenos são de tendência sincretista, surgidos fora do Cristianismo, mas que podem (ou não) incorporar algumas

de suas percepções. Como exemplos, podem ser mencionados os Meninos de Deus, a Meditação Transcendental, a Teosofia, a Yoga, a Fraternidade Rosa-Cruz, etc.

Os endógenos são tendências religiosas no interior do Cristianismo e de igrejas estabelecidas, mas que não se transformam em seitas por continuarem como espécies de frentes amplas, perpassando por igrejas diferentes. Exemplos disso são o ecumenismo, o fundamentalismo protestante, a renovação carismática (renovação espiritual, na terminologia protestante brasileira), a teologia da libertação, a teologia da missão integral, etc.

Deste modo, no interior do Cristianismo, há diversos movimentos de matriz teológica, como o carismatismo, o missionarismo, o ecumenismo e o fundamentalismo. Cada um destes movimentos comporta também um não. O sim a uma tradição, agora atualizada, comporta também um não. O sim a uma tradição, agora atualizada, convive com o não a uma sedimentação que pretende negar.

Assim, o carismatismo segue uma tradição, cuja fonte pode ser buscada no período pós-apostólico, e nega a sujeição da vivência religiosa, enquanto território do sentimento, ao racionalismo, com seu cânon rígido.

O neomissionarismo se nutre de uma característica marcante dos Cristianismos (a mentalidade expansionista) e, no caso latino-americano, de uma auto-afirmação de denominações que se aburguesam, numa (impensada) inserção no terceiro-mundismo (os objetos de missões tornam-se sujeitos); tudo isto sem falar na necessidade de um crescimento numérico interno que ultrapasse o meramente vegetativo.

O ecumenismo cresce na esteira da preocupação com a unidade e nega o isolamento como expressão maior da fé cristã.

O fundamentalismo exacerba o conservadorismo e subordina a razão à fé.

A propósito, no interior ou à margem do fundamentalismo, mas como parte de um movimento, existem muitos pequenos grupos de encontro que se reúnem em casas e/ou lugares improvisados, numa recusa à noção de igreja organizada; alguns destes grupos recusam até ser chamados por um nome. Não são uma seita, pelo menos num primeiro momento; não constituem uma denominação, porque são locais e de membresia transitória. De qualquer modo, fazem parte de um movimento: como classificá-los? Pelo sim (então: comunitaristas) ou pelo não (então: antiinstitucionalistas)?

Independentemente das eventuais explicações psicológicas, sociológicas ou teológicas, o que importa é que a estes movimentos

muitas pessoas se integram, promovendo-os ou combatendo-os.

No universo religioso, que não se desenvolve autonomamente do social, há diversos movimentos, de mat(r)izes que vão do psicológicos ao teológico, do comunitário ao individual.

No plano mais claramente teológico, o “aggiornamento” do Vaticano II (1962-1965) teve sua contraparte protestante no Congresso de Lausanne I (1974), que foi o escoadouro das preocupações de setores evangelicistas com a dimensão social do Evangelho, assim como no Vaticano desembocaram outras preocupações.

Eis aí um grande exemplo do que seja um movimento. Todos estes esforços foram contemporâneos de si mesmos.

Na vertente católica, o corolário foi a teologia da libertação; no espectro evangelicista, foi a teologia holística (missão integral).

Em ambas, tanto dentro como fora, há oposição. Alguns acham que a teologia da missão integral vai acabar virando teologia da liberdade pela força dos conflitos gerados por sua fragilidade; outros acham o mesmo, porque ela já o é. Uns acham que a missão integral é um anteparo à teologia da libertação e outros que é apenas uma adaptação evangelicista dela.

As duas foram se transformando e se aproximando, seja como resultado de um diálogo, seja como fruto da mútua exclusão.

Num primeiro momento, a teologia da missão integral, sem deixar a sua leitura da Bíblia, percebe cada vez mais a natureza essencialmente conflitiva das práticas sociais e o lugar do econômico no tecido social. Num segundo momento, deixa de ser menos teológica, para assumir uma dimensão mais prática.

Na teologia da missão integral, pode-se divisar três movimentos que não são excludentes. Sem julgar e hierarquizar com categorias do tipo "mais bíblicas", "menos bíblicas", "mais comprometidas", "menos comprometidas", etc., parece que a primeira geração ficou mais na descoberta de que o social existe e que faz parte do real, ao ler os anabatistas radicais e Walter Rauschenbauch, entre outros, e ao tomar ciência da ação de Martin Luther King Jr. Havia muita observação e pouca militância.

A segunda geração (de que Samuel Escobar e René Padilha foram seus exemplos), já eclodida a teologia da libertação, ainda insistiu na especificidade da proposta evangélica e na sua diferença da teologia da libertação.

A terceira geração sabe das diferenças, mas não insiste nelas e parece caminhar para opções políticas e transparentes. O grande problema da teologia da missão integral, de qualquer geração, é que

ela não tem bases (isto é: não tem povo); não redundou em quase nada, a não ser em congressos, revistas e livros, diferentemente da teologia da libertação que gerou (ou foi gerada por) as Comunidades Eclesiais de Bases.

A teologia da libertação, se se quer seguir o esquema hegeliano, começou por propor uma antítese em que o eixo estava na visão conflitivista da sociedade, embora por vezes marcado por uma visão ingênua da organização social; obteve o rechaço (por vezes, violento) da hierarquia católica, e percebeu a necessidade de outras abordagens, chegando a uma síntese, em fase de preparação, cuja ênfase reside na sistematização da teologia e na construção de um modelo libertador de espiritualidade. A evolução foi mais de forma do que de conteúdo, porque o seu compromisso básico segue sendo, na sua linguagem, com a libertação dos oprimidos. Neste sentido, ela conseguiu ultrapassar os limites da igreja para ser uma teologia dos movimentos populares, mesmo que o devido crédito não lhe seja dado. Assim, se no plano teórico, seus pensadores se perguntam para onde ir, diante do discurso hegemônico do fim das utopias coletivas, no plano prático suas propostas continuam sendo implementadas, mesmo que a sociedade considere essas causas como ultrapassadas.

As teologias da libertação e da missão integral se encontram em outro ponto: elas também perguntam, como, de resto, o faz toda a esquerda, o que fazer diante da auto-anunciado triunfo do neoliberalismo.

Se esses movimentos são mais tendências que se cristalizam, há um outro conjunto de tamanha importância, que vem merecendo a atenção dos estudiosos e da população em geral. Todos exógenos são geralmente chamados de *novos* movimentos religiosos.

Quando as igrejas cristãs pensam em movimentos religiosos pensam neles, pela concorrência que oferecem, pela exotividade que carregam, por sua aparição recente com aparato internacional e pela capacidade de fazer adeptos especialmente entre a juventude, entre outros aspectos.

Mayer classificou-os por sua procedência, chegando à seguinte tipologia:

- . Originários da Índia e organizados em torno da figura de um guru (*Hare Krishna; Rajneesh*);
- . Originários do Oriente distante (Oomoto, no Japão; Igreja da Unificação, na Coreia);
- . Originários do Islamismo (Sufismo, misticismo esotérico;

Baha'ismo, talvez uma religião independente);

. Originários do oculto-esoterismo (Teosofismo, Gnosticismos em geral, *New Age*);

. Originários da crença em discos voadores e em "encontros" com extras-terrestres;

. Originários de aplicações da psicologia (Cientologia).

Esses movimentos têm várias características, as quais se aplicam também às seitas exógenas. Essas marcas podem ser vistas nas ruas ou nos lugares de culto:

. atraem uma população que provém em grande parte de setores sociais não religiosos, geralmente recrutados na classe média instruída;

. seus adeptos formam uma espécie de meio cültico (na expressão de Collin Campell), onde aparecem práticas distintas como vegetarianismo, yoguismo, ovnismo, reencarnacionismo, orientalismo, parapsicologismo, astrologismo, etc.. sua membrasia muda facilmente e há uma clientela que transita de um movimento para outro;

. oferecem oportunidade para uma elevada participação elevada de leigos;

. propõem de modo teórico e prático um novo estilo de vida cultural, com suas idéias tendo um caráter especializado contra o generalismo das velhas religiões.

Por que surgiram esses movimentos, ou melhor, por que esses movimentos têm fascinado tanta gente? Algumas pistas podem ser enunciadas:

. são uma resposta ao relativismo resultante da desintegração resultante da desintegração da ética;

. exigem um grau de compromisso sensivelmente diferente do cristianismo tradicional (o que também se aplica integralmente a algumas igrejas pentecostais, como a Universal do Reino de Deus, por exemplo);

. têm a capacidade de traduzir a espiritualidade em ações práticas

diárias, o que lhe permite repensar e reeducar a relação entre o espiritual e o material;

. constituem respostas às transformações sociais rápidas, proporcionando a seus membros um instrumento, seja para adotá-las, seja para tomar distâncias frente a elas.

Os movimentos religiosos constituem, portanto, um “magma não-estruturado, móvel, fluido, em contínua recomposição” e constituído por crenças e representações à margem das temáticas racionais, profanas ou religiosas”. Em outras palavras, esses movimentos ajudam a ampliar o horizonte do novo pluralismo religioso, que vem marcando a civilização desde os anos 80 do século 20.

AGÊNCIAS

Há dois tipos de agência que, no fundo, se imbricam.

As agências de serviço religioso estão voltadas para a divulgação da fé cristã, conquanto possam manter alguma atividade assistencialista ou até de transformação social. Muito embora em suas origens sigam um líder que, em alguns casos, são seus proprietários de fato, não formam uma seita, porque não têm um conjunto específico de doutrinas. Sua inspiração e seus recursos financeiros são inequivocamente norte-americano. Como exemplos, podem ser mencionados a Associação Billy Graham (com pouca penetração no continente), a Campus Crusade (Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, com razoável atuação), a Aliança Bíblica Universitária (ABU, com maciça atuação), os Jovens com uma Missão (Jocum, com localização regional), entre outros.

Por sua vez, as agências de serviço social estão dirigidas para a pesquisa e/ou o apoio a movimentos populares. Na América Latina, há uma profusão dessas agências, geralmente sustentadas por contribuições voluntárias ou por organizações ligadas a igrejas estabelecidas do Primeiro Mundo. Entre as agências com escopo internacional, estão o Children Cristian Fund (Fundo Cristão para Crianças), a World Vision International (Visão Mundial) e o MAP Internacional, entre outros. Entre as agências com escopo latino-americano, há algumas de origem brasileira (que, certamente, têm similares na América cervantina), como o Cedi (Centro Ecumênico de Informações, que se multifurcou), o Iser (Instituto de Estudos da Religião, de natureza laica), a Cese (Coordenadora Ecumênica de Serviços) e a Vinde (Visão Nacional de Evangelização), entre

outras.¹ Nesta tipologia, ficam faltando aqueles organismo ecumênicos como CLAI (Conselho Latino-Americano de Igrejas), a CONELA (Confederação Evangélica Latino-Americana), a FTLA (Fraternidade Teológica Latino-Americana), etc, que prestam um serviço a seus filiados, mas que têm pretensões de reformar o Cristianismo. Serão eles agências?

Nos anos 80, o trabalho dessas agências (dos dois grupos) vem suscitando acirradas discussões. No plano interno das igrejas, são consideradas paraeclesiásticas que, no fundo, os acusadores querem dizer antieclesiásticas. De fato, estas organizações oferecem um repto às igrejas, ao promoverem congressos fora do controle dos seus líderes e publicarem materiais de treinamento e desafio religioso; no entanto, elas se percebem como complementares às igrejas.

Quanto às agências do segundo grupo, a discussão nasce da acusação feita por setores conciliares (ecumênicos) de que essas agências estão a serviço da manutenção do sistema capitalista no continente. Tudo faz lembrar as velhas acusações do início do século ao protestantismo como alavanca da penetração norte-americana na América Latina. Neste território, a guerra fria ainda não terminou.

De qualquer modo, a partir do início dos anos 90 estas agências começaram a perder sua força. Os recursos carreados do primeiro para o terceiro mundo escassearam, ou porque foram dirigidos para outras regiões ou porque a solidariedade (que antes era globalizada) não resistiu à avalanche da neoglobalização.

EM DIÁLOGO COM OS AUTORES

1. Para uma antropologia concisa da religião, é leitura prazerosa ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Petrópolis: Vozes, 1975..
2. Uma interpretação teo-antropológica dos chamados novos movimentos religiosos pode ser encontrada nos seguintes ensaios:

ABUMANSSUR, Edin Sued. Quem são os outros. Em: LANDIM, (org.). *Sinais dos tempos; igrejas e seitas no Brasil*. Rio de Janeiro: Iser, p. 22-26.

¹ Nesta tipologia, ficam faltando aqueles organismos ecumênicos como CLAI (Conselho Latino-Americano de Igrejas), a CONELA (Confederação Evangélica Latino-Americana), a FTLA (Fraternidade Teológica Latino-Americana), etc, que prestam um serviço a seus filiados, mas que têm pretensões de reformar o Cristianismo. Serão eles agências?

BARRABAS, Alicia M. Movimentos étnicos sócio-religiosos na América Latina. *Religião e Sociedade*. V. 14, n. 13, p. 110-118, 1987.

BASTIAN, Jean-Pierre. Los nuevos movimientos religiosos. *Cristianismo y sociedad*, n. 93, p. 7-20, 1987.

CAMPICHE, Roland. Sectas y nuevos movimientos religiosos: divergências y convergências. Em: *Religião e Sociedade*, v. 14, n. 13, p. 9-19, 1987.

KÜNG, Hans. Para uma teologia ecumênica das religiões: algumas teses para esclarecimento. Em: *Concilium*, v. 203, n. 1, p. 124-131, 1986.

MAYER, Jean Francois. El mundo de los nuevos movimientos religiosos. Em: *Religião e Sociedade*, v. 14, n. 13, p. 25-29, 1987.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. Igrejas, seitas e agências: aspectos de um ecumenismo popular. Em: VALLE, Edênio. (org.) *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979, p. 81-111.

A EPÍGRAFE

é uma criação de AZEVEDO, Wilson. Guerreiros do Senhor; um esboço da cosmologia neopentecostal. Disponível em <<http://www.aquifolium.com/ipb/português/teonet/opinião/neopentecostais.htm>>

PARTE 3

A MARGEM

Era uma vez...

o olhar

habitante de casa profunda

sabia olhar em todas as direções

inclusive para dentro de si mesmo.

De tanto olhar para si mesmo

como Narciso

turvou-se.

Deixou-se seqüestrar pela verdade dos mestres da consciência roubada.

Deixou-se seqüestrar pela mentira dos que detêm a liberdade da palavra.

Escravo da ilusão, preso do preconceito, feliz do fácil,

o olho que tudo vê

deixou de se ver.

Não há como ser ingênuo. Fazemos parte de uma sociedade bastante complexa. Mas há muitas pessoas ingênuas, sempre dispostas a bater palmas para os gestos dos seus líderes

Os ingênuos são pessoas felizes. As coisas complexas são simplificadas. As coisas são vistas apenas como parecem. Não vão ao fundo dos problemas. Aliás, que problemas?

Essa felicidade tem um preço: o preço de ser conformista, isto é, concordar sempre com as decisões tomadas pelos outros, quando deveriam ser tomadas por nós; o preço do autoritarismo, isto é, aceitar que a história da sociedade é feita pelos líderes e não por todos os participantes do processo; o preço do paternalismo, isto é, esperar que outras pessoas nos dêem aquilo de que precisamos.

Tudo concorre para que sejamos ingênuos. Desde cedo aprendemos a não ser críticos. Na escola, na família, na igreja, no trabalho, sempre estão querendo nos ensinar a ver o mundo com óculos que colorem o cinza, como se tudo estivesse bem. Sempre estão querendo nos ensinar a ver o mundo com óculos que simplificam as coisas, como se tudo fosse bom. Sempre estão querendo nos ensinar a ver o mundo com os óculos dos outros, como se a nós nada

coubesse fazer.

SERÁ QUE SOMOS**REALMENTE MODERNOS?**

É por intermédio da mídia que se dá hoje a moldagem ideológica do mundo, embora a partir de uma retórica tecnoburocrática de inspiração nitidamente gerencial.

(MUNIZ SODRÉ, 1997)

Sempre houve um pensamento colocado à margem do rio (do rio aqui descrito), atravessando os tempos.

As marcas do secularismo, do individualismo, do superficialismo e do pluralismo permaneceram, mas sempre foram questionadas e o são até hoje.

Assim, a religião do progresso, que consistiu do culto prestado especialmente no século 19, não chega aos nossos dias intocada. Se é verdade que o cientificismo continua praticado, especialmente por aqueles que só se interessam pela superfície das coisas, o progresso hoje é visto como algo que tem de ser controlado. Para que possa estar a serviço do homem, ele não pode se dar junto com a destruição da natureza.

O inglês Arnold Toynbee, um dos mais respeitados historiadores de todos os tempos, encerrou seu último livro *A humanidade e a mãe terra* com uma intrigante pergunta:

— Destruirá o homem a mãe terra?

O austríaco Konrad Lorenz, Prêmio Nobel de Medicina, dedicou todo um livro para criticar aquilo que chamou de "falsa religião do progresso", responsável pela "demolição do homem". Ele não acredita que o progresso da nossa civilização levará necessária e obrigatoriamente ao crescimento de novos valores, vale dizer, ao desenvolvimento da humanidade.

Toda a nova consciência ecológica, da qual partilha também boa parte do público brasileiro, é fruto da incredulidade nesta religião do progresso. Em outras palavras, o progresso tem que ser feito com responsabilidade, para não comprometer a vida do planeta e para não exaurir seus recursos naturais. O sonho do progresso é hoje um pesadelo.

Ademais, é cada vez mais aguda a convicção de os frutos do progresso ficaram restritos ao grupo de nações que o comandaram, transferindo recursos dos novos países subdesenvolvidos. A prova disto é que o número de países miseráveis está aumentando na comunidade mundial. Para se ter uma idéia, em 1981 eram 32 os países com renda per capita anual inferior a 200 dólares; no início de 1990, ela eram 42, a maioria na África. Essas nações, que eram 12% da população da terra, produzem apenas um por cento da riqueza mundial. Isto é retrocesso e não progresso; é desenvolvimento para trás (se isto fosse possível) e não para frente (se não fosse uma redundância). O crescimento das nações ricas continua sendo feito com o sangue das nações pobres. Nos Terceiros Mundos, cada vez mais se tem consciência desta realidade.

Consciente destes dados, continua vivo o pensamento utópico de que é possível construir-se uma sociedade justa no plano econômico, participatória no plano político e ecologicamente viável no plano tecnológico.

Obviamente o projeto dessacralizador parece irreversível, mas a crença nele como a salvação não tem, felizmente, o nível de adesão (que era total) que tinha um século antes.

A ciência perdeu sua independência e sua aura de neutralidade e infalibilidade, para discutir com a sociedade os seus projetos. A ética passou a ser uma questão importante para cientistas. Eles também devem ter o limite de não achar que o que pode ser feito deve ser feito.

Obviamente a autonomização do homem parece irremovível, mas a ansiedade que produziu leva muitas pessoas a buscarem um eixo transcendente para sua vida. Isto não quer dizer renunciar a mundanidade do mundo, conquanto alguns movimentos religiosos proponham exatamente uma fuga.

Por isto, cada vez mais filósofos e teólogos têm recordado a dimensão mítica da existência humana, que permite ao homem responder suas perguntas fundamentais, diante do fracasso da resposta pretensamente absoluta da civilização tecno-científica.

No seio dos relativismos, os vários cultos (cristãos, paracristãos ou pós-cristãos) divulgam seus absolutos e encontram seus públicos no mercado religioso dos bens simbólicos. Sempre à luz do dia; não há lugar para a subterraneidade. Sempre ainda em busca da felicidade. Em grupo. Às vezes, com sacrifício; às vezes, sem sacrifício algum.

Em grupo trabalham os movimentos de defesa do consumidor, em busca de códigos de ética para os fabricantes e de uma consciência maior por parte dos compradores do seu direito de receber

produtos duradouros e conforme as virtudes anunciadas.

Por igual, a proposta de um estilo de vida simples marca a ação de grupos cristãos e não-cristãos, como algo que dignifica o homem e contribui para uma melhor distribuição dos bens disponíveis.

Nesta vertente, o uso da pesquisa motivacional vem sendo duramente criticado por procurar influenciar debilidades ocultas, invadindo a intimidade das pessoas, e manipular as crianças, além de impulsionar ao conformismo e à passividade.

O mundo novo acabou não tão admirável. Por isto, os fundamentos da modernidade vêm sendo questionados. A filosofia e a teologia européia e norte-americana vêm refletindo sobre estas questões. Na América Latina, o problema é mais complexo, porque enquanto parte de nossa sociedade vive ainda num período pré-moderno, a outra parte já se diz pós-moderna.

A MENTALIDADE TECNOLÓGICA

Um dos temas de interesse múltiplo, tanto quanto práticos, é a tecnologia, seja a sua apropriação, seja a sua fetichização. Essa competência humana — a de produzir artefatos — está inscrita na natureza humana. Tendemos hoje a pensar nela como uma descoberta nova, esquecidos que são igualmente artefatos tecnológicos a velha cadeira envernizada de madeira, onde se senta, quanto o teclado (sim, substantivo novo), onde se digita (sim, verbo novo) o texto que será lido numa página impressa (velha tecnologia, que envolve novíssimas tecnologias) ou numa *home page* (expressão estrangeira que não dá para traduzir).

A primeira desmi(s)tificação é da palavra "tecnologia", que sempre precisa de um adjetivo (eletrônica, microeletrônica, médica, da informação, informática, etc.) para sobreviver. O fascínio diante da tecnologia microeletrônica, que está presente em todas as outras, tem, portanto, alcançado a própria palavra.

Esse mesmo fascínio provoca também uma espécie de "ciência mínima", que é a disposição de aceitar como verdadeiras todas as asserções apresentadas como científicas. Ficou no folclore jornalístico uma informação premeditadamente falsa (para veiculação no dia primeiro de abril, o dia da mentira) de que os cientistas tinham conseguido produzir o boi-mate, num cruzamento entre uma vaca e um tomate. Jornais do mundo inteiro deram a notícia e pessoas do mundo inteiro discutiram o novo avanço da engenharia genética.

Em segundo lugar, é preciso manter uma postura crítica em relação à mentalidade tecnológica.

O modo de fazer um produto (cultura material) acaba contaminando o seu uso e seus usuários (cultura espiritual). O modo como um produto é recebido está relacionado a critérios quantitativos, ao passo que um estilo de vida deve ser apreciado por padrões de natureza qualitativa.

Assim, em termos de processo tecnológico, o princípio inaugural, como nos ensina Barbour, é que aquilo que pode ser feito deve ser feito. Esse princípio, que merece contestação no próprio interior da tecnologia, é exportado para a vida em geral.

No plano da produção tecnológica, a afirmação corrente é que uma técnica não é boa nem má em si mesma. A moral está no seu uso. Ocorre que não há como separar uma técnica do seu uso. Uma arma-de-fogo, por exemplo, pode ser boa, se usada para a autoproteção (defesa legítima). No entanto, seu uso majoritário para a intimidação e para o crime é uma evidência de que sua produção não pode ser defendida.

Quando da "criação" da ovelha Dolly, o cientista que conduziu sua clonagem advertiu a sociedade que o mesmo processo poderia ser aplicado para a produção de seres humanos. Em si, a técnica pode permitir coisas boas (como a recuperação de membros perdidos do corpo de uma pessoa). No entanto, sua utilização poderia gerar outras possibilidades, se as pesquisas continuassem.

O problema é que a pesquisa genética não é um assunto público, quando deveria sê-lo. A sociedade precisa estar preparada para determinar os limites à engenharia genética, em lugar de dispor apenas a aplaudir as iniciativas que pareçam tornar mais confortável e previsível a vida das pessoas. Nenhum artefato é neutro.

Há ainda outras considerações. Por natureza, as tecnologias (sim, o ideal seria seu uso genérico sempre no plural, reservando-se o singular para um determinado produto) são cumulativas. O homem sempre encontra um modo de fazer melhor (por melhor, entenda-se, mais eficiente, em termos de custo, praticidade, velocidade, quantidade, etc.) um certo artefato. Em alguns casos, a nova tecnologia substitui a anterior; em outros casos, convive com ela. Há casos em que apenas um mesmo artefato é feito de maneira diferente, embora com o mesmo resultado. No entanto, este tipo de situação leva à crença de que o novo é sempre melhor do que o velho. Segundo esta visão, o novo é sempre progresso; o antigo é sempre atraso. Há um frenesi pela novidade.

É válida, por esta razão, a advertência de José Saramago, de que o verdadeiro progresso é moral. Felizmente muitas novidades vão para o lixo, depois de durarem apenas o tempo de sua substituição por outras novidades. Diferentemente do que parece crer a maioria das pessoas, um modo novo de fazer as coisas não é

necessariamente um modo melhor de fazer essas coisas.

Essa discussão traduz em si um equívoco, ao deixar entrevista a idéia de uma independência entre tecnologia e sociedade.

Diferentemente, as tecnologias, como mostra Pierre Levy, não podem ser comparadas a projéteis que podem ser lançados contra a sociedade. Antes, a sociedade se constitui precisamente pela capacidade humana de criar símbolos, organizar-se em instituições complexas e de conceber, produzir e usar artefatos tecnológicos. As tecnologias, portanto, tem razão Levy, não são entidades passivas detonadas por agentes externos. Ao contrário, as tecnologias são produções da sociedade e da cultura.

Por esta razão, o lugar das tecnologias na sociedade e na cultura, como partes que delas são, tem a ver com educação e se realiza no fogo da interdisciplinaridade. As três têm que se educar umas às outras, já que não são autônomas.

MERCADO COMO FETICHE

A mesma preocupação precisa estar presente na discussão em torno da globalização, também tomada como um fetiche, capaz de tornar felizes os homens.

De novo, poder-se-ia dizer que o processo é neutro e que a idéia de uma aldeia global econômica e cultural é desejável. Os integrados certamente estão convictos de que o processo alcançará a solidariedade, desindividualizando-a.

No entanto, no momento em que nos é dada a conhecê-la, a única face percebida é este paradoxo: a globalização tem acirrado o individualismo. A transferência de tecnologia ou de caridade não aumentou com a aceleração das facilidades de comunicação e de movimentação de capitais.

No entanto, somos levados a ver o mundo com olhos integrados, esquecidos que um mercado mundial produz mais concentração de renda em mãos locais. Não existe empresa global, mas empresas locais com ações globais. As ações são tomadas a partir de interesses locais e não mundiais. A globalização é, na verdade, uma abstração; no dialeto contemporâneo, ela é virtual; em termos mais antigos, não passa de uma miragem. O mercado, diferentemente do que dizem seus cultores, não foi feito para garantir os interesses das maiorias.

A despeito disto, a globalização é apresentada como sinônimo de modernidade e progresso...

Não se trata de negar o processo globalizador das economias, mas

de olhá-lo criticamente. A experiência dos países certamente trará uma compreensão nova do problema, conquanto seja difícil contestar o imaginário já constituído... de que a globalização se trata de uma corrida, cabendo a cada participante se preparar para a competição.

A integração é indispensável, mas terá que ser condicional. Rendição incondicional, às tecnologias ou aos mercados globais não pode ser atitude a se recomendar.

O ESPETÁCULO DA COMUNICAÇÃO

A rendição está em todos os lugares, como se as pessoas não conseguissem ser autônomas.

Diante da informação, especialmente pela sua dimensão lúdica, a crítica é pouca e o fascínio, imenso.

Com relação ao frenesi da informação, há mesmo uma competição pela informação, no sentido de uma abundância de informações. Há tanta informação disponível (40 mil títulos diferentes de livros publicados a cada ano só no Brasil; 30 canais de televisão, que podem chegar a 100 ou 200, contra 6 ou 7, como foi durante muito tempo; 30 milhões de *sites* com informações utilíssimas e informações inutilíssimas na Internet), ao ponto de se já existir uma espécie de seleção do que vai ser publicado (caso dos jornais, que usam 10% das informações que lhe são remetidas) ou empurrado por meio do seu computador (tecnologia *cast*).

Informação é uma mercadoria como outra qualquer. Numa mercadoria a curto prazo, o que menos importa é a qualidade do produto, pois a compra se dá pelo marketing dela, incluída aí embalagem. Num território de alta competição, importa que a mercadoria chegue ao consumidor.

Por esta razão, a publicidade pervade nossos alimentos mentais e visuais; o anúncio publicitário é parte integrante da cultura contemporânea. Parafraseando Michael Schudson até se pode dizer que o anúncio é o modo como o capitalismo diz "eu te amo" para si mesmo. Ao proceder assim, a publicidade não muda apenas os consumidores de um produto para outro, mas move os bens de uma forma socialmente significativa.

Neste novo ambiente, de verdadeira mutação simbólica, os meios de comunicação, incluída a publicidade, se tornam o lugar principal da produção social do sentido. Esta nova epistemologia altera a "ontologia tradicional dos fatos sociais", como diz Muniz Sodré. Na verdade, é por intermédio da mídia que se dá hoje a moldagem ideológica do mundo, embora a partir de uma retórica nitidamente

tecnoburocrática e gerencial. Uma demonstração da força deste paradigma, lembra ainda Sodré, está na tensão entre o velho sistema de representação política por meio de partidos e a aferição dos gostos por meio de pesquisas de opinião, que invertem o tempo, ao antecipar "*a imagem* de um vencedor ainda incerto" e impor aos indivíduos a "certeza" de uma maioria que ainda não votou.

Assim, diferentemente do que querem enxergar os integrados, o que ocorre é o enfraquecimento ou mesmo o retraimento da individualidade do sujeito, apesar de seu maior poder de escolha de objetos de consumo emular o aumento de sua autonomia. Em lugar de democracia, está-se mesmo diante de um novo tipo de dominação.

Segundo outra crítica, a de Guy Debord, estamos diante da soberania irresponsável da economia de mercado. Para ele, tudo se transforma em representação. O espetáculo não é apenas uma coleção de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada pelas imagens.

Este modelo de sociedade tem uma causa psicológica básica: o ser humano transforma seu espaço vital num grande palco, como uma forma de ser notado. Na sociedade de massa, só são notados os indivíduos que se promovem, nem que seja fazendo barulho. Quem quiser deixar de ser anônimo tem o caminho do espetáculo para se destacar.

Por isto, mantido este cenário, desobedecer é preciso. Resistir é viver.

Podemos contextualizar o velho programa de Henry David Thoreau, no século 19 americano. Para ele, todo cidadão tem o direito de se recusar a obedecer, e mesmo a resistir, a um governo tirano ou ineficiente.

Thoreau tinha em mente o governo, que hoje é um leão amestrado pelo mercado. O governo (da maioria dos países) conservou a voracidade na subtração dos nossos recursos financeiros, em nome de um serviço a ser prestado ao povo, mas se retirou da pretensão de nos reger. Brasília não rege o Brasil.

Agora, o maestro é outro. Os noivos tiranos são os meios de comunicação (ditos de massa). É a eles que se deve resistir. A tarefa não é fácil. Seus programas são agradáveis, por misturarem coisas necessárias (serviço, informação e diversão), numa ordem perversa e numa ótica malvada. A perversidade é que o serviço e a informação são apresentados segundo a lógica da diversão, desenhada para nos manter cativos do meio.

O perigo maior dos meios de comunicação é que parecem

democráticos. Em certo sentido, eles contribuem inegavelmente para que mais pessoas tenham mais acesso à informação, essência da democracia. No caso da televisão, praticamente a totalidade dos lares brasileiros com energia elétrica (97%) conta com pelo menos um aparelho. Os melhores aparelhos oferecem o recurso do controle remoto, que facilita nossas escolhas e até mesmo nossa consulta ao cardápio de programas. O problema é, de novo, o desequilíbrio: o leque é quantitativamente imenso, mas qualitativamente escasso.

Por mais que se pretendam interativos, esses meios são mesmo unidirecionais. Podemos trocar de canal, mas ainda assim estaremos vendo algum canal, escravo da ditadura da audiência. Um bom programa é o que tem maior audiência... e não há mais o que se discutir, porque o anunciante quer audiência, a emissora quer audiência e o telespectador quer ver aquilo que todo mundo vê.

O mais trágico, portanto, é que estes meios nos impingem um modo de vida, que podíamos colocar em dois motos: "tudo é espetáculo" e "tudo é consumo". Por isto, até um telejornal separa mais tempo a nos divertir do que a nos formar e informar. Eis o que é preciso afirmar, por primitivo que pareça: a vida não é um grande espetáculo de imagens e sensações cada vez mais fantásticas e divertidas; mais ainda, os verdadeiros valores humanos são para serem vividos, não para serem engolidos.

Por isto, se queremos ser felizes, precisamos resistir a estes meios.

A primeira atitude é continuarmos freqüentando os canais, sejam eles impressos ou audiovisuais. Não dá para criticar o que não se conhece. Diante de tantas informações, há quem prefira desligar todas. A estes ingênuos é preciso avisar que os tiranos agradecem, porque estes poucos não lhes fazem falta.

A segunda postura é vermos (ou lermos) apenas aquilo que queremos. Não precisamos ter medo de ficar "por fora". Como no caso da telenovela, o não comparecimento a vários capítulos é recompensado pela sensação que, no período em que não acompanhamos a trama, nada aconteceu. Quando não tem nada ética e esteticamente interessante, é melhor desligar.

A terceira direção é não nos deixarmos embebedar pelos valores mediários (isto é: dos meios de comunicação de massa). Não somos apenas consumidores a serem seduzidos, mas cidadãos a serem convencidos. Quem quiser um gesto de adesão, seja a um produto, a um serviço ou a uma causa, terá que nos convencer com o argumento da razão e não com a vertigem das imagens.

Estes princípios de desobediência se aplicam às mensagens em geral, inclusive as religiosas que, por vezes, se deixam seduzir pela

retórica do meio, que sempre visa o bem-estar, não o nosso, mas o dos que fazem os programas. Por isto, resistir é preciso.

A PERMANÊNCIA DA UTOPIA

Toda "moldagem ideológica do mundo" será sempre moldagem utópica. Quando a ideologia, que é uma condensação de idéias passadas, se move em direção ao futuro, ela se transforma em utopia. Não há como dissociar os dois conceitos.

Afinal, a exemplo do que faz Irving Kristol, a ideologia pode ser tomada como um projeto intelectual que oferece uma ampla interpretação do passado, do presente e do futuro da humanidade e, ao mesmo tempo, incorpora nesta interpretação (explicação do presente) um imperativo (projeção para o futuro) de transformação social.

O fundamento da ideologia está na relação inconsciente dos homens com o mundo em que vivem. Ela é, por conseguinte, o esforço dos homens para dar sentido à vida, organizando-se de forma a ser capaz de mobilizar os homens, por permitir uma explicação do presente e uma projeção para o futuro.

Desde 1989, o ano-símbolo do fim do socialismo europeu, vêm-se publicando os mais diferentes epitáfios para a morte das utopias. No entanto, como mostra Daniel Bell, o que morreu foi uma certa fórmula, simplificada como todas as ideologias, para a mudança social. Ademais, o fim de uma ideologia (e temos que admitir que a proposta socialista foi morta por seu próprio fracasso) não é o fim da utopia. É a utopia que dá aos homens uma visão de suas potencialidades, permitindo-lhes fundir paixão e inteligência. Ela lhe especifica onde chegar, como chegar, o preço a pagar e a motivação para pagar este preço.

Ocorre que, também por um processo de simplificação, mergulhou-se, entretanto, num salve-se-quem-puder universal, com lugar apenas para os desejos pessoais ou, se se quiser, utopias individuais.

Ora, afirmar a existência deste tipo de utopia é o mesmo que dizer que ela não existe, posto que deve ser coletiva por natureza. O individualismo sempre existiu, embora tenha ganho *status* de moral aceitável apenas na chamada era moderna. A sua exacerbação contemporânea, contudo, vem-se mostrando insuficiente, uma vez que a economia mundial impõe novos problemas no estágio em que está e no caminho para o qual parece acenar.

No plano da sobrevivência econômica, as coisas estão postas assim: quem tem um emprego que trate de conservá-lo. Como o sistema

vigente não tem conseguido resolver o problema do desemprego, vai-se diluindo seu fascínio, uma vez que as pessoas não comem os ídolos da modernidade mas se alimentam daquilo que conseguem comprar com a força do seu braço.

Não havendo trabalho, o modelo que o obstrui só pode ser seu inimigo. Será preciso, então, lutar contra este monstro, que não permite ao homem o mais elementar dos direitos. Só que não há como lutar sozinho contra o gigante. Todos os que ficaram de fora da *festa* e todos os que solidarizam com a causa dos excluídos, precisam se unir.

Conseguirão alguma vitória? Se tentarem, saberão.

A utopia, portanto, tem tudo para voltar — se é que algum dia ela se foi — não importa que manchada pelo individualismo.

EM DIÁLOGO COM OS AUTORES

Este capítulo deve ser lido em conjunto com os outros do meu PRIMEIRA VIAGEM AO MUNDO DA COMUNICAÇÃO (Rio de Janeiro: Gama Filho, 1988). As preocupações centrais dos dois livros são as mesmas. Algumas coisas não foram ditas aqui porque já o foram lá. As indicações bibliográficas, pela estrutura daquela obra, estão mais amplas nelas. Aqui, outras são complementarmente mencionadas.

Sobre a irresponsabilidade do ocidente quanto ao meio ambiente, são leituras atualíssimas:

LORENZ, Konrad. *A demolição do homem; crítica à falsa religião do progresso*. São Paulo: Brasiliense, 1986 e TOYNBEE, Arnold. *A humanidade e mãe-terra*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

Sobre a relação entre ciência e religião, numa perspectiva cristã, é leitura indispensabilíssima o livro de Ian BARBOUR: *Ciência y secularidad*. Buenos: La Aurora, 1968.

Especificamente para uma compreensão do papel das tecnologias, veja o artigo de LEVY, Pierre. O inexistente impacto da tecnologia. *Folha de S. Paulo*, 17.7.97, p. 5-3, bem como seus livros. Veja também POSTMAN, Neil. *Tecnopólio a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994. Sobre a sociedade do espetáculo, além dos livros já indicados poderá ser válido uma visita aos seguintes endereços eletrônicos:

<http://www.nothingness.org/SI/debord/SOTS/sots1.html>

<http://www.ag.auburn.edu/~mschwart/spectable.html>

Quanto à pervasividade dos meios de comunicação, valem a pena: SCHUDSON, Michael. *Advertising, the uneasy persuasion: it dubious, impact on american society*. New Yoirk: Basic, 1984 e SODRÉ, Muniz. *Reiventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1997.

Para entender o conceito de desobediência civil, de onde se derivou aqui parafrasticamente a noção de desobediência mediática, veja THOREAU, Henry. *Desobediência civil*. Porto Alegre: LP&M, 1997, de que há outras edições.

Sobre a noção de ideologia, há inúmeros trabalhos, mas será valioso ler BELL, Daniel. *The end of ideology; on the exhaustion of political ideas in the fifties: with a new afterwoord*. Boston: Harvar University Press, 1988, de que há tradução em português. Uma boa resenha do livro é a de KRISTOL, Irvinf. Keeping Up With Ousselves. Disponível em <http://www.english.upenn.edu/~afilreis/50s/kristol-endofi.html>

A EPÍGRAFE

Tomada de SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1997.

6

**PARA UM CRÍTICA CRISTÃ DA
CULTURA CONTEMPORÂNEA**

A compreensão da complexidade da condição humana é tão manifestante pertinente para nossas civilizações em busca de sinais, pontos de referência inteligíveis, que se quer tentar sem descanso entendê-la e compreendê-la.

(EDGARD MORIN)

Não há como negar as marcas da contemporaneidade. Isto não quer dizer que devamos ser conformistas diante delas. Antes, a tarefa dos cristãos é aquela que o apóstolo Paulo propôs aos romanos: o do não-aceitação tácita dos valores da sociedade. Antes, o dever da pessoa de fé em Deus, é transformar e se transformar a partir de uma disposição de mente (Romanos 12.2).

Quanto ao fim da história, não podemos ignorar que a miséria continua para a maioria (seis sétimos) da população mundial. O verdadeiro fim da história seria a elevação dos níveis de consumo (de bens essenciais) para todos. Como isso não acontece, os povos onde não há prato para todos se voltam para o passado, o que explica a permanência de certos fundamentalismo políticos e religiosos.

O novo é possível e devemos lutar por ele. A história não terminou. Precisamos apostar em novas formas de vida, capazes de superar o atual quadro de exclusão social que ainda domina o mundo.

A idéia de fim da história contém uma rebeldia contra o Senhor da história. É ele quem estabelece o fim. Seu reino ainda está por se consumir. Aceitar a tese do fim construído pelos homens é abrir mão da direção divina, como se o ser humano estivesse completamente emancipado de Deus.

Não custa recordar que também no século 19 muita gente acreditou ingenuamente que os próprios homens estavam construindo, pela educação, uma sociedade nova. Pouco depois viriam três conflitos mundiais: a primeira Grande Guerra, a segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.

Essas lembranças indicam que não importa de quem seja a frase, uma vez que a atribuem ora ao pregador americano Dwight Moody (século 19), ora ao teólogo suíço Karl Barth (no século 20). Importa que se trata de uma advertência que precisa ser levada a sério. Por isto, ela é aqui adaptada: o cristão é aquele que se ajoelha para orar, tendo a Bíblia numa mão e um jornal do dia na outra.

É com estas duas palavras (uma de Deus e outra do homem) que os cristãos devemos interpretar o mundo, mundo que queremos transformar, como o exige o Reino de Deus de todos quantos se

tenham chamados para serem sal e luz.

Devemos, em qualquer situação, estar atentos para o fato de que nossa pressa em analisar os fatos pode nos levar à superficialidade, com opinião sobre tudo o que acontece. Por outra face, o medo da superficialidade não nos pode paralisar, ao ponto de não termos opinião sobre nada.

A esta altura, cabe parodiar a denúncia de seu Manuel Bandeira, de que a razão nos deu um mundo caduco. Afinal, pensar é uma atividade racional, conquanto seja verdade que a razão não esgota a dimensão humana e que, como suspeita Richard Rorty, nosso modo contemporâneo de pensar deriva de paradigmas iluministas erguido ao tempo dos estados nacionais possivelmente condenados ao desaparecimento pela avalanche da globalização.

Não se pode pensar senão com a razão, mesmo que para lhe negar o corte totalitário. Permita a proclamação: Viva a razão. Ai de nós com ela, mas ai muito mais de nós sem ela.

A UTILIDADE DAS TECNOLOGIAS

Não adianta ser romântico e se horrorizar com o fato de a natureza ser alterada pelo homem. Trata-se de um movimento irreversível (sem volta).

Também adianta achar que a tecnologia vá resolver todos os problemas do ser humano. A máquina não é Deus, por mais que alguns cultuem.

A tecnologia está aí e devemos oferecer nossa contribuição para que seja orientada. Nossa tarefa é humanizá-la, incluindo aí a sua mentalidade e seus produtos. Só assim preservaremos o ser humano.

A tecnologia pode ser um instrumento maior de interesse social, no combate à fome e às doenças, desde que a orientemos para a vida e para as pessoas. Para tanto, devemos nos lembrar do seguinte:

- . a planificação e o controle devem ir além da prevenção das conseqüências prejudiciais e adaptar o desenvolvimento positivo da tecnologia para uma direção socialmente desejável;
- . a chamada "mão invisível no mercado" é inadequada para controlar a tecnologia. Por isto, embora pareça utópico, a filosofia do desenvolvimento precisa ser reformulada, especialmente nos

países pouco industrializados (como o Brasil), para que as exigências de eficácia sejam subordinadas e orientadas pelas relações de participação;

. os custos sociais das inovações devem ser pagos por todos os usuários. De igual modo, os benefícios devem ser para todos;

. o homem é interdependente com a natureza. A morte dela é a morte do homem.

Em síntese, para que as tecnologias cumpram sua função, o homem deve ser utilitário com ela: criá-las, montá-las, tirar tudo delas e destruí-las. Devemos desenvolvê-las ao máximo, transformá-las ao máximo e vigiá-las ao máximo para que não sirvam de barreira entre as pessoas, para que não sejam o esconderijo de um novo tipo de analfabetismo, aquele que se deixa roubar pelas animações de uma tela e se esquece de pensar, de criar e de ousar.

Embora, por razões óbvias, não trate da alta tecnologia contemporânea, a Bíblia nos ensina que o homem tem a tendência de se colocar no lugar do Criador. A ruptura de Deus como homem se deu precisamente por esta pretensão (Gênesis 3.22-24).

Uma das passagens mais reveladoras desta mentalidade, que é mesma dos tempos contemporâneos, é o relato da construção da torre de Babel (Gênesis 11.1-9). Cheios de presunção, alguns homens a fizeram para alterar a ordem natural das coisas. Se a tecnologia se torna um fim e se a máquina é reverenciada como um deus, a confusão é certa (Gênesis 11.7).

Se, ao contrário, a tecnologia é um meio para a felicidade humana, ela se torna um braço de Deus para realizar seu propósito na história.

A CLONAGEM PERPLEXA

Ao mesmo tempo em que convivemos com os mais diversos tipos de barbárie (do crime individual nas esquinas das ruas aos crimes coletivos políticos), vemo-nos na contingência de discutir a validade da clonagem humana. É possível que o desejo especule em torno da possibilidade de se derrotar a morte pelo processo da clonagem. Não seria fantástico para quem perdeu uma pessoa querida poder tê-la de volta — oh fantasia! mas não era fantasia também clonar um animal adulto? — de células vivas previamente armazenadas?

Não seria o caso, portanto, de se estimular os estudos de clonagem humana? Não, dizem os unânimes, ignorantes talvez da máxima de

que toda unanimidade é burra. Entre as muitas razões para justificar o não, umas são de natureza ética (quem vai decidir quem será clonado?), algumas de matiz psicológico (pode uma pessoa ser reducionisticamente compreendida como um mero conjunto de genes?), outras de preocupação filosófica (não se estará condenando a história a um eterno retorno?) e ainda outras de contorno teológico (não estará o homem brincando de Deus?) .

Esta última crítica é ingênua, uma vez que o homem vem brincando de Deus há muito tempo, muito antes das utopias biológicas tornadas reais pela engenharia genética. É bom que seja assim. Se não o fosse, ainda morreríamos das mais triviais doenças. Como imagem e semelhança do Criador, o homem é também um criador.

No entanto, ele estará condenado a ser um criador criado. Quando faz sua obra, o homem parte de algo criado por outrem, enquanto o Deus eterno, que não partiu do nada, serviu-se daquilo que ele mesmo tinha criado (o pó, na imagem bíblica do livro de Gênesis). Os engenheiros da vida de hoje reproduzem, dividem, multiplicam, alteram, transformam ou reinventam células, mas não fazem o mais elementar, que é inventá-las, uma simplicidade que só a complexidade de Deus alcança.

Não é este, portanto, o problema. Deus, certamente, não está ofendido com a pretensa petulância. Antes, deve ter achado muito bom (como se sentiu ao contemplar cada obra sua, conforme a narrativa bíblica da criação) que o ser humano tenha chegado a tanto.

Talvez o que lhe preocupe, se uma teologia (esta "palavra sobre Deus") pode supor algo nesta direção, é a perda da humildade por parte dos cientistas. Se o erro de Adão foi abdicar de pensar, para seguir a serpente, não pode certa ciência de hoje perder a perspectiva de sua humanidade, pretendo-se absoluta, como queriam os ingênuos edificadores de Babel. De uma vez por todas as ciências precisam renunciar ao princípio do que o que pode ser feito deve ser feito.

O clone de uma ovelha adulta, ícone da possibilidade de um novo tipo de reprodução humana, não pode se transformar num quadro de filme. Não se trata da substituição do Deus Absoluto, que isto não está em jogo, mas da definição do tipo de existência que queremos para nós mesmos no único tempo que nos importa: o presente.

O livro de Gênesis nos informa que o Senhor da história formou o homem do pó e soprou nele o fôlego da vida (Gênesis 2.7). A clonagem humana pode produzir tipos genéticos exatos, mas não pode dar o sopro da vida, que é, e continua sendo, um dom do Criador.

Não é este, portanto, o problema. Deus, certamente, não está ofendido. Antes, deve ter achado muito bom (como se sentiu ao contemplar cada obra sua, conforme a narrativa bíblica da criação — Gênesis 1) que o ser humano tenha chegado a tanto.

Talvez o que lhe preocupe é a perda da humildade por parte dos cientistas. Se o erro de Adão foi abdicar de pensar, para seguir a serpente, não podem certas ciências de hoje perder a perspectiva de sua humanidade, pretendendo-se absolutas, como queriam os engenheiros de Babel. De uma vez por todas, as ciências precisam renunciar ao princípio do que o que pode ser feito deve ser feito.

Se a clonagem humana romper o círculo das imaginações e extrapolar o território das possibilidades, assistiremos ao desaparecimento do homem e da história. O que faz o homem é a sua capacidade de construir o futuro, sem poder prevê-lo, associada à sua incapacidade de mudar o passado, embora possa compreendê-lo. Não há retorno.

Se, no entanto, houver um clone de pessoas, então, terá desaparecido o homem. Mais do que isto: terá desaparecido a história, condenada a voltar à era do caos, ao tempo do eterno retorno, num período histórico que, na verdade, nunca existiu.

Se isto acontecer, poderemos ser completamente irresponsáveis. Poderemos morrer, que não teremos morrido. Poderemos matar, porque a morte não será definitiva. Cessará toda ética.

Assim, o clone de uma ovelha adulta não significa a substituição do Deus Absoluto, que isto não está em discussão. O que está em jogo é a definição do tipo de existência que queremos para nós mesmos.

O GLOBALISMO CRISTÃO

Uma compreensão da natureza do Reino de Deus já é uma advertência: a globalização, por mais fascinante que seja, não é uma reinvenção definitiva da história. O cristão deve se resguardar de todos os ídolos.

A globalização não ameaça a fé cristã. Em certo sentido, o cristianismo é globalista. A instrução deixada por Jesus era que os discípulos comunicassem o Evangelho a todo o mundo (Mateus 28.19-20). O Evangelho não era para um povo, mas para todos os povos da terra.

O cristão não deve temer a globalização. Antes, deve utilizar o mundo que cria para pregar ao mundo todo. O projeto do cristão, no entanto, não deve se restringir a uma preocupação anunciadora imediatista. É seu dever se contribuir para a construção de um

sistema ético, fundado na justiça, visando a construção de uma civilização forjada não sobre ilusões, mas sobre ideais legítimos.

O cristão não deve sucumbir a uma escatologia barata, que vê a globalização como antecipadora da volta de Cristo, seja porque prepare o terreno para pregação do Evangelho ou para a manifestação do anticristo. O fim da história é algo do foro íntimo de Deus. Não depende das realizações humanas. O Reino de Deus não é uma construção humana.

Cabe, por fim, a pergunta de Jesus Cristo: o que adianta conquistar o mundo inteiro e perder o sentido da vida? (Marcos 8.36).

A IMPOSSIBILIDADE DA INCOMUNICAÇÃO

Diante do fenômeno cada vez mais totalitário dos meios de comunicação, cabe permanente reflexão sobre o seu lugar em nossas vidas e o nosso lugar nas suas vidas.

É impossível ao ser humano não se comunicar, pois o processo da comunicação é parte constitutiva fundamental da realidade humana. O homem é essencialmente um ser em comunicação. Ele se torna plenamente humano quando se comunica. A incomunicação é, portanto, uma impossibilidade. Afinal, tudo é comunicação

As infotecnologias da comunicação nos mergulharam na aldeia global, tornando o mundo contemporâneo uma autêntica sociedade da informação e da comunicação.

É como se integrássemos uma malha global de comunicação, formada por inforrodovias (telefone, computadores, cabos, satélites) por onde trafegam veículos (as informações digitais) que levam passageiros (o conteúdo da mensagem). Nesta infossociedade, a comunicação é interativa. A propósito, toda comunicação é interativa, senão não é comunicação. Mas os dominadores serão aqueles que dominarem os meios (vale dizer: os proprietários) e as técnicas (vale dizer: os profissionais) de comunicação. Em outras palavras, vivemos no tempo que todos os meios convergem na tela do computador (dados, som e imagem), com um predomínio da imagem, o que não significa abrir mão do ato de ler. Ler continua insubstituível; o livro também, mas não em todas as áreas do saber.

Diante desta realidade, todos somos consumidores e produtores de comunicação. Como consumidores, devemos estar atentos para o perigo de os meios de comunicação parecerem democráticos, quando, na verdade, por mais que se pretendam interativos, são unidirecionais. Podemos trocar de canal, mas ainda assim estaremos vendo algum canal, escravo da ditadura da audiência. Um bom programa é o que tem maior audiência... e não há mais o que se

discutir, porque o anunciante quer audiência, a emissora que audiência e o telespectadores quer ver aquilo que todo mundo vê.

Diante deste quadro, nossas atitudes precisam ser responsáveis.

Assim, devemos continuar freqüentando os canais, sejam eles impressos ou audiovisuais. Não dá para criticar o que se não conhece. Diante de tantas informações, há quem prefira desligar-se delas, embora diretamente consumam suas idéias e diretamente comprem os produtos (e é isto que enfim importa) que anunciam, mesmo que não o saibam. A estes ingênuos é preciso avisar que os tiranos agradecem, porque estes poucos não lhes fazem falta.

Devemos, exercendo nossa liberdade, ver/ler/ouvir apenas aquilo que queremos. Como no caso da telenovela, o não comparecimento a vários capítulos é recompensado pela sensação que, no período em que não acompanhamos a trama, nada aconteceu. Quando não tem nada ética e esteticamente interessante, é melhor desligar.

O essencial é que não nos deixemos embebedar pelos valores mediáticos. Não somos apenas consumidores a serem seduzidos, mas cidadãos a serem convencidos. Quem nos quiser um gesto de adesão, seja a um produto, a um serviço ou a uma causa, terá que nos convencer com o argumento da razão e não com a vertigem das imagens.

Por estes e outros meios, vendem-se imagens de felicidade. Pensa-se que a vida é uma sucessão interminável de espetáculos. Jesus mesmo experimentou esta tendência. Muitas pessoas o seguiam em busca de um milagre espetacular. Foi por esta razão que ele disse, uma vez, que não mostraria outro sinal, senão o do profeta Jonas (Mateus 12.39). Quando foi tentado, o diabo lhe propôs este tipo de caminho, que era transformar pedra em pão (Mateus 4.3). Jesus não o fez, porque seu ato seria apenas um espetáculo.

A tentação permanece poderosa. Vivendo neste tempo, que é agora, e neste mundo, que é aqui, as igrejas discutem o que fazer diante da sociedade do espetáculo. Não poucas dissensões têm ocorrido. Não poucas comunidades têm-se convertido também em igrejas do espetáculo.

Diante do expressivo sucesso (que é, por si, um termo bem adequado ao nosso tempo, não importa seu preço) que fazem esses grupos e diante do modelo de sociedade em que estamos, a tensão aumenta. O dilema é: conceder (e transformar os cultos em espetáculos também) ou conservar (e se manter aos padrões de seriedade e serenidade)?

Nenhuma comunidade pode ter a pretensão de se achar isenta de receber algum tipo de influência do meio social. Isto é

simplesmente impossível. Seus membros vivem em sociedade e interagem com as outras pessoas. Os comportamentos da sociedade acabam sendo incorporados imperceptivelmente pelas pessoas. Os cultos cristãos acabam refletindo este contágio e não há nada de errado nisso. Não aceitamos os valores hegemônicos na sociedade, mas somos partes dela (João 17.15). Ela nos influencia e nós (assim acreditamos) a influenciaremos. Esta troca é natural e mesmo saudável, se usada criativamente.

Comportamento muito diferente é transformar os cultos e as ações da igreja em espetáculos, preparados segundo regras mercadológicas, para o consumo da maioria, mesmo que isso vá render sucesso. Jesus se recusou a fazê-lo (Mateus 12.38-41) e ele é o nosso modelo.

Isso não quer dizer que as igrejas não devam admitir em seus templos nenhum tipo de manifestação espetacular, desde que esta prática não se transforme num fim em si mesmo. O objetivo do culto, por exemplo, ensinou-nos o apóstolo Paulo, é a edificação do corpo de Cristo (Efésios 4.12). As formas desta edificação são culturais e variam no tempo e no espaço.

Devemos estar todos advertidos de que a chamada tradição (que em algum dia também foi uma novidade) não pode ser uma pedra de tropeço para os mais jovens; de igual modo, a ansiedade pelo novo não deve trazer tristeza às vidas menos acostumadas ao movimento e ao barulho. Há lugar para todos nos cultos, desde que se respeitem.

Pensando mais amplamente ainda, a igreja deve ser uma crítica permanente e perspicaz ao modelo de sociedade vigente. Na terminologia bíblica, a sociedade (“mundo” ou “século”) tem valores contrapostos aos do Reino de Deus (1João 5.19), enquanto a igreja procura viver precisamente segundo estes valores, buscando. O modo de vida da civilização contemporânea poder comparado a um tufão que leva tudo de roldão. Ai de quem se opuser! A tarefa da igreja é precisamente se opor.

Quanto à comunicação, como consumidores e como (eventuais) produtores, devemos nos empenhar em educar nossos públicos para os meios, a partir de uma perspectiva cristã, necessariamente em confrontação com outras visões de mundo. Quando nos vemos “sal e luz” para a sociedade, não nos pretendemos superiores às demais pessoas; apenas acreditamos, por procurarmos viver segundo os padrões do Alto (Colossenses 3.2), que “sem a cosmovisão cristã, o mundo se tornará uma terra arrasada e os meios de comunicação se tornarão imagens refletidas de fantasmas”, como lembra Knud Jorgensen.

Para isto, temos que conhecer o modo como gira a indústria da

comunicação. No caso, por exemplo, de um anúncio publicitário que consideremos antitético aos valores cristãos, nossa insatisfação deve ser comunicada ao anunciante (a empresa que vende o produto) e não à emissora, que apenas o veicula remunerada, nem a agência de publicidade, que o criou a mando do fabricante, ou o conselho de auto-regulamentação publicitária (Conar), que só age em casos de violação explícita de direitos. O responsável inicial e final pelo conteúdo do comercial é o anunciante. Ele será sensível à insatisfação dos consumidores, se perceber que poderá perder clientes.

O boicote (e não a censura prévia, que é sempre um atentado aos direitos individuais e uma ameaça efetiva à democracia) é, portanto, a estratégia mais adequada para que um grupo faça prevalecer suas percepções. O recurso se aplica a determinados programas de televisão que julgamos desservirem a bons propósitos. Basta não vê-lo: se a audiência cair, o programa mudará ou acabará.

Para que isto aconteça, os grupos devem estar conscientes e organizados. Ações isoladas podem pouco.

Se estivermos do outro lado do processo, na condição de produtores de comunicação (e há muitos cristãos nesta categoria de atividade, dentro e fora de empresas evangélicas), não podemos perder a dimensão crítica diante do nosso próprio trabalho, pois, se a perdermos, poderemos ganhar o mundo inteiro para nós mesmos, mas não o levaremos a aceitar a supremacia de Cristo, porque teremos nos deixado seduzir pela retórica do meio.

Neste mister, nossa comunicação precisa ser tecnicamente eficaz no uso dos meios, pois, neste sentido, não deve nem pode ser diferente da comunicação em geral. Em última instância, o processo de comunicar não é nem religioso nem secular; é apenas o processo. No entanto, devemos visar sempre o bem-estar do receptor e não propriamente o nosso.

Afinal, nosso objetivo, ainda segundo Jorgensen, “é criar compreensão e resposta e não fornecer informação ou diversão”. Em última instância, não queremos “desenvolver formas de diálogo que começa com as questões levantadas pelos receptores e os leva, através de uma espiral hermenêutica, a uma conversa com o Deus vivo”?

Neste trabalho, a forma (isto é: o modo de dizer) é absolutamente essencial. Diante da montanha de dados, serão percebidos aqueles que permitirem uma recepção lúdica.

Nossa ação deve se operar no interior de uma visão lógica acerca do processo da comunicação, vista como parte essencial da criação divina, razão por que é natural que o homem se comunique. Como

ensina ainda Jorgensen, “o jeito de Deus se comunicar é uma afirmação do processo humano da comunicação”. Como ele “se revela em e através das situações comuns da vida humana”, “isto nos conduz à história e à cultura, à vida criada e às suas vulnerabilidade e fraturas”.

Esta percepção nos ajudará a orientar nossa comunicação para a vida concreta dos ouvintes, de modo a fazer com que nossa palavra se constitua numa voz profética capaz de interpretar a (micro e macro-história) como o palco da ação de Deus, numa adaptação da clássica frase de Calvino, que via a história como o teatro da glória de Deus.

Assim, quem pretende se comunicar, além de levar em conta estas considerações de caráter geral, deve admitir como natural que, em função da avalanche de informações (que não permite mais nenhum tipo de hegemonia comunicativa), as nossas (através de nossos meios) nem sempre obterão o interesse e as respostas que julgamos que elas mereçam (daí a baixa recepção, evidenciada por poucas cartas e pequenas audiências/tiragens). Ao mesmo tempo, é de todo comunicador cristão insistir em fazer um produto/programa que os leitores considerem imprescindível.

Uma boa estratégia é diversificar os meios e, ao mesmo tempo, unificar os objetivos (um meio para cada objetivo e não um único meio para objetivos diferentes). Veículos que querem atingir públicos e objetivos diferentes não passam de equívocos, cujo destino é o encerramento da experiência.

Pode ser útil ver como os outros fazem, para aprender a fazer com eles. Entre outros cuidados, elas procuram conhecer os receptores, organizar as formas de chegarem a eles, com o fim de os fidelizar.

A propósito, o termo usado hoje pelos profissionais de marketing vem da religião. Acontece que a religião não tem mais fiéis compulsórios, mas só aqueles que ela também fideliza (seus receptores), oferecendo-lhes aquilo que lhes interessa. O seguimento destas estratégias não pode significar a perda do “primeiro amor” (que na expressão bíblica significa o abandono do grande alvo). Nós não visamos a comunicação pela comunicação, mas a comunicação com uma meta: o bem (salvação, santificação e/ou edificação, no jargão evangélico) dos receptores.

Para fazer bem o nosso trabalho, precisamos buscar recursos (humanos e materiais) onde estiverem. É possível que a cada ano pelo menos cem jornalistas evangélicos (sem falar nas outras profissões da comunicação) se formem em seus cursos superiores. Será que há lugar para aqueles que tenham interesse em trabalhar em organizações evangélicas? Esta profissionalização não representará a perda do sentido de missão com que se faz o

trabalho.

As entidades evangélicas precisam ter a humildade para se associarem com aquelas que fazem bem trabalhos semelhantes. Acordos operacionais, tão comuns no mundo contemporâneo, devem ser uma estratégia de sobrevivência a ser considerada. Até mesmo fusões devem ser cogitadas, se são boas para a causa que se promove.

Quem também se comunica não pode ter pressa nos resultados, conquanto sempre deva visá-los. O que não se pode esquecer que a credibilidade vem da qualidade e da regularidade.

Ultimamente, o marketing de produtos (como livros e discos) e serviços (como a promoção missionária e a divulgação de cultos) evangélicos vem tendo um elevado grau de profissionalismo. As organizações estão usando os recursos estratégicos próprios das regras mercadológicas para divulgar suas causas.

Não há problema nenhum nesta atitude. É mesmo louvável que o façam. Se têm uma mensagem e uma causa de grande valor, por que não promovê-los com eficiência, para alcançar de modo melhor e mais amplo seus públicos?

Embora a palavra marketing provoque mal-estar, nenhuma organização (igreja, grupo musical, editora, organização não-governamental de qualquer tipo) sobreviverá se não praticar seus princípios e regras, que podem ser bons ou ruins. Todos captam as práticas humanas e a maneira de alcançar as pessoas. Não é errado usar os bons princípios, porque há aqueles que os empregam (tanto os bons quanto os ruins) para vender, mais e melhor, produtos vazios e mensagens vãs.

Numa grande demonstração de conhecimentos das regras da comunicação, o apóstolo Paulo, quando pregou no areópago (auditório, ao ar livre) de Atenas, adequou o discurso ao seu público (Atos 17.16-34). As igrejas e organizações cristãs podem e devem ter um programa de marketing coerente para promover suas mensagens, produtos e serviços.

Para tanto, devem dar oportunidades aos seus membros conhecedores das regras do jogo mercadológico, para que eles exercitem suas habilidades também no campo da causa de Cristo. Muitos deles, que emprestam seu talento para vender coisas de pouco ou nenhum valor, estão dispostos a trabalhar, sem remuneração ou com remuneração, para vender coisas de elevado valor, como aqueles que as igrejas e organizações têm.

A igreja precisa fazer marketing, para ser notada na comunidade. Isso não pode significar uma concessão às ações capazes de resultar

em exposição excessiva.

Uma ação social, por exemplo, não pode ter como fundamento a melhoria do conceito da igreja entre a comunidade. A única motivação deve ser o amor a esta comunidade. Do contrário, a igreja estará sucumbindo ao espírito do tempo. A prática de Jesus é modelar: às vezes, fez milagres e pediu segredo aos beneficiários; às vezes, fez milagres e pediu que divulgassem o que lhes tinha acontecido. A igreja deve proceder do mesmo modo. Em qualquer situação, no entanto, sua motivação em agir jamais deve ser o uso desta ação para sua promoção.

A igreja precisa estar atenta ao seu público, se quer alcançá-lo com a mensagem de Cristo. Isto não quer dizer que a igreja deva dar pão e circo ao público, mesmo porque não os tem. Um princípio básico é que só há comunicação quando as duas partes interagem. Conhecendo esta realidade, precisa agir conforme as características percebidas. Cabe fazer com competência o que nos vem às mãos para fazer.

Dado seu contingente (cerca de 16 de milhões de membros e talvez o dobro, contando-se os interessados e familiares), os evangélicos constituem um mercado crescente e muito cobiçado tanto por empresas de evangélicos e entidades evangélicas quanto por empresas e entidades dirigidas por não-evangélicos.

Assim, por exemplo, há gravadoras de discos evangélicos e editoras de livros evangélicos cujos proprietários não são evangélicos. Sua intenção é exclusivamente comercial. No entanto, não é menos comercial a intenção de evangélicos que organizam empresas para alcançar o público evangélico. Se não forem comerciais, vão desaparecer.

Há cantores de música evangélica que não são evangélicos. Aliás, a produção de um disco envolve tantas pessoas que muitas (arranjadores, tecladistas ou produtores) que tomam parte nele não são evangélicos.

Há pontos-de-venda que comercializam produtos para o público em geral e produtos para evangélicos em particular. Não dá para saber quais foram produzidos por evangélicos. Alguns itens vieram de fora do Brasil e pouco sabemos sobre seus produtores.

Por isto, talvez o melhor caminho seja respeitar apenas aquelas empresas e aqueles artistas que respeitam os evangélicos. Este respeito se demonstra quando põem à venda produtos de qualidade. É de se esperar também que tenham atitudes públicas que não contrariem os valores evangélicos contidos nos seus produtos. Devemos, portanto, conhecê-los por seus frutos (Mateus 7.16). A mesma postura deve ser esperada dos produtores evangélicos.

Outro problema é que há grupos musicais evangélicos profissionais que cobram ingressos para seus *shows* ou exigem cachês para suas apresentações. Muita gente vê nisto uma mercantilização da fé e uma excessiva profissionalização dos ministérios.

No entanto, é bom nos lembrarmos que estes músicos precisam de dinheiro para sua sobrevivência como pessoas e como grupos. Suas despesas (com equipamentos e transporte, por exemplo) são muito elevadas. Não podem viver das instáveis (e, às vezes, miseráveis) ofertas da platéia. Digno é o obreiro do seu salário também neste campo (Mateus 10.10). É preciso clareza. Se o espetáculo é pago, vai quem quer. Quem não concordar em pagar (embora talvez concorde em pagar por uma apresentação de um artista sem vínculo evangélico), que fique em casa.

No caso dos pregadores (sejam testemunhadores do que Cristo fez em suas vidas, sejam pastores-conferencistas), alguns vivem de ofertas das igrejas que os convidam. Isto é problemático porque há igrejas tão miseráveis (nos dois sentidos da palavra...) que sequer pagam as despesas de passagem dos seus convidados...

Se estes ex-isto e ex-aquilo, sejam eles pastores ou não, não fazem outra coisa a não ser viver testemunhando, de que vão viver? Tudo deve ficar muito claro. As igrejas não devem ser ingênuas, porque pode haver oportunistas (no pior sentido da palavra...) no meio destes testemunhas.

Em todos os casos, o cuidado que se deve tomar é não transformar as igrejas em casas de negócio (João 2.16).

O NOSSO PLURALISMO RELIGIOSO E O DOS OUTROS

Como a instância religiosa é uma direção de nosso tempo, entendê-la é uma tarefa para crentes e não crentes. Não há como isolar o religioso do social, embora o religioso se pretenda autônomo, uma vez que todo movimento religioso reflete em parte a situação da época que o viu nascer. Por isto, pele menos no caso latino-americano, parece evidente que esses movimentos e seitas, por mais religiosos que queiram ser, desafiam a concepção política vigente.

Movimentos e seitas são fenômenos análogos de reação frente à mudança social em função da estrutura social, da cultura e da história. Por isso, constituem um fator determinante na modelação da futura fisionomia espiritual dos países ocidentais, pouco importando que ofereçam às pessoas a oportunidade de escolherem sua religião como qualquer produto de consumo. Parece que esses movimentos vieram para ficar, isto é, para dar de modo definitivo o contorno do horizonte do pluralismo religioso, mesmo que

desapareçam ou se transformem.

Diante desses fenômenos, crentes e não crentes adotam posturas insatisfatórias, como o indiferentismo, que pode parecer tolerância religiosa, mas não é, porque não passa também de uma velada forma de etnocentrismo; o superficialismo, que permite julgar uma idéia sem conhecê-la; e o etnocentrismo, a mais perigosa das atitudes, porque pai de todos os fanatismo.

Entre os não crentes, o etnocentrismo pode ser ilustrado pela afirmação de que esses movimentos e seitas não passam de manifestações de atraso. Diante delas, uns podem controle por parte do Estado; outros pedem tolerância, na pressuposição de que são efêmeras.

Entre os crentes, o etnocentrismo assume outra forma. Montada em suas doutrinas, cada igreja acaba por pretender sempre corrigir os erros desses movimentos e seitas; o risco será incorrer em fanatismo, a fé que esquece seus próprios erros. Com este tipo de óculos, a preocupação se cinge apenas ao crescimento interno, o que pode levar a igreja a dirigir seu programa para uma espécie de marketing religioso de manutenção da hegemonia conquistada.

Os não crentes precisam encontrar formas de assumir seu ceticismo, mas sem colocá-lo como aferidor das perspectivas crentes. Este ceticismo não pode também constituir-se num a priori que lhe impeça ver as riquezas e pobreza das manifestações religiosas dos outros.

Para os crentes vale a proposta de Hans Küng, no contexto da fé cristã, que pede um caminho que permita aos cristãos aceitar a verdade de outras religiões mas sem renunciar à verdade da própria religião, vale dizer, à sua própria identidade.

Segundo a síntese de Küng, as quatro posições em relação às religiões não-cristãs (nenhuma religião é verdadeira; apenas uma religião é verdadeira; toda religião é verdadeira; e uma única religião é a verdadeira) são insuficientes. Para ele, não se pode trair a verdade em nome da liberdade, nem a liberdade em nome da verdade, já que a verdadeira liberdade é liberdade para a verdade. Deste modo, ensina Küng, assim como o cristão não dispõe de um monopólio sobre a verdade, não pode ele também renunciar a professar a verdade, porque o diálogo e testemunho não se excluem. Este diálogo, conclui, deve acontecer na certeza da fé, sem uma renúncia ao caráter normativo e definitivo de Jesus Cristo.

Se somos cristãos, precisamos evitar o etnocentrismo e o indiferentismo.

O etnocentrismo é a atitude de ver os outros a partir de nós. Nós

somos os certos e os outros os errados. Assim, estaremos sempre corrigindo os erros desses movimentos e seitas; o risco será incorrer em fanatismo, porque esqueceremos os nossos próprios. Visaremos sempre corrigir a alienação dos seus adeptos; o risco será ver alienação apenas nos outros.

Nossa preocupação será apenas com o crescimento interno; o risco é dirigir o programa da igreja para uma espécie de marketing religioso de manutenção da freguesia conquistada. Como se pudéssemos vender a verdade do Evangelho, como se vende sabonete. Mesmo que os outros façam isto, o nosso compromisso com o Deus de Jesus Cristo não nos autoriza a agir da mesma forma, mesmo que na melhor (?) das intenções.

O indiferentismo pode parecer tolerância religiosa, mas não é. Não é boa atitude, porque revela também uma forma de etnocentrismo. O relativismo absoluto, para o qual todas estas expressões igualmente verdadeiras, é irresponsável, no sentido de que ignora os elementos possivelmente nocivos desta ou daquela nova manifestação.

A partir de Küng, podemos vislumbrar quatro atitudes possíveis diante das religiões, que nos ajudam a formar um conceito para julgar as religiões, movimentos e seitas dos outros:

NENHUMA RELIGIÃO É VERDADEIRA. Dito de outro modo, todas são falsas e vivem de enganar seus fiéis. Não podemos aceitar esta visão materialista barata, porque estaríamos negando a nossa própria experiência de fé, bem como a dos outros.

APENAS UMA RELIGIÃO É VERDADEIRA. Mais radicalmente: uma única religião é a verdadeira. Há verdade na religião, mas apenas em uma delas, não em todas. Não podemos cair neste etnocentrismo, porque teríamos que concordar que todas são verdadeiras, porque todo crente acredita que a sua fé faz sentido. Se apenas uma religião é verdadeira, quem decide qual delas o é?

TODA RELIGIÃO É VERDADEIRA. Como são expressões da alma humana, todas são igualmente válidas. Se aceitamos este elogio ao relativismo, temos que admitir valor até naquelas expressões religiosas que exigem o sacrifício de pessoas ou animais para agradar a algum deus.

Essas visões são insuficientes, porque não se pode trair a verdade em nome da liberdade, nem a liberdade em nome da verdade: a verdadeira liberdade é, pois, a liberdade para a verdade.

Com cristãos, precisamos de outros óculos, segundo os quais O CRISTIANISMO É A RELIGIÃO VERDADEIRA, no sentido de que professa a verdade, o filho de Deus, Jesus Cristo.

Esta afirmação de fé pode ser ilustrada com a confissão feita pelo escritor russo Fiodor Dostoievsky: "Creio que não existe nada de mais belo, de mais profundo, de mais simpático, de mais viril e de mais perfeito do que o Cristo. E eu o digo a mim mesmo, com um amor cioso, que não existe e não pode existir. Mais do isto: se alguém me provar que o Cristo está fora da verdade e que esta não se acha nele, prefiro ficar com o Cristo a ficar com a verdade".

A frase pode parecer fanática, mas não é. Ela quer dizer que o critério básico na religião deve ser a experiência, e não uma elaboração racional. Para nós o Cristianismo é a verdade, não a partir de uma racionalização. Neste sentido, todas as religiões são iguais. Pelo critério da fé, é o Cristianismo, enquanto prática concreta de seguir a Jesus, que dá sentido a nossas vidas.

A nossa atitude para com outras religiões e seitas pode ser resumida do seguinte modo: assim como não dispomos, enquanto cristãos, de um monopólio sobre a verdade, não podemos também renunciar a professar a verdade. Tanto o diálogo com outras expressões religiosas quanto o nosso testemunho diante delas devem acontecer na certeza da fé, sem que renunciemos ao caráter normativo e definitivo de Jesus Cristo.

Não devemos, pois, trilhar o próprio caminho de maneira teimosamente dogmática, desinformados sobre os outros caminhos, sem compreensão, sem tolerância e sem amor para com os que pensam diferente de nós. Não devemos simplesmente tomar outros caminhos, insatisfeitos com o nosso próprio e fascinados com as novidades que esses pareçam conter. De igual modo, não devemos acrescentar de modo apenas externo à nossa fé original aquilo que aprendemos de outros credos.

Em nosso caminho, ao olhar o diferente, precisamos nos modificar continuamente, de modo que nossa fé seja criativamente enriquecidos. Assim não sacrificaremos a verdade em nome da liberdade, nem a liberdade em nome da verdade, pois que nossa tarefa é exercitar as duas.

O misticismo é uma resposta à negação da atuação divina na vida humana. Os cristãos somos místicos. O apóstolo Paulo nos recomenda, por exemplo, a ter a mente de Cristo (1Coríntios 2.16), o que só se pode alcançar misticamente. A oração é uma experiência mística profunda.

Por ser assim profundo, nosso misticismo incomoda quem é completamente secular e vive como se Deus não existisse. Curiosamente, os misticismos dos outros, por serem diferentes do nosso, também nos incomodam.

Ao tratar dos misticismo contemporâneos, não podemos nos esquecer disto.

O cuidado, no entanto, não nos deve impedir de considerar as experiências religiosas dos outros. Devemos fazê-lo, mas com cuidado, para não cometer com os outros o que cometem conosco.

EM DIÁLOGO COM OS AUTORES

1. Um visão teológica da chamada pós-modernidade está, entre muitos outros estudos, em: GONDIM, Ricardo. Fim de milênio: os perigos e desafios da pós-modernidade na igreja. São Paulo: Abba, 1996; GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
2. Sobre a clonagem, pelo seu caráter recente, as melhores páginas são eletrônicas:
<http://users.southeast.net/~dsale/cloning.html>
<http://cac.psu.edu/~gsg109/qs/emclone.html>
<http://www.best.com/~vere/cloning.html>
<http://www.netyet.com.br/users/márcia/clones/osclones.htm>
3. Uma boa introdução à educação dos meios e para os meios de comunicação, que deverá redundar numa educação dos meios, é a de SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Duas Cidades, 1997.

Uma teologia da comunicação é elaborada por JORGENSEN, Knud. *Christian Communication: Remote Control or Incarnation?* Disponível em <<http://www.lausanne.org/0496jor.html>>
4. O pluralismo religioso é tratado com profundidade por KÜNG, Hans. Para uma teologia ecumênica das religiões: algumas teses para esclarecimento. *Conciliun*, v. 203, n. 1, p. 124-131, 1986.

5. O pensamento de Dostoievsky está na sua *Correspondence* (v. I) e foi recolhido por BOFF, Leonardo. *A ressurreição de Cristo, a nossa ressurreição na morte*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 18.

CONSTRUINDO UMA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

O crescimento da alienação, nas últimas décadas, utilizado pelo sistema como dique destinado a conter a expansão da consciência crítica, possibilitou à estratégia neo-reacionária ocultar sutilmente fatos importantes.

Não é à toa que estamos vivendo uma era de mediocridade. O conformismo, expressão de nossa condição hiperalienada, que se infiltra até mesmo nas novas gerações, é a raiz dessa mediocridade que tende a se acentuar ainda mais, nos próximos anos.

(LUIZ CARLOS MACIEL)

Por que, no início da chamada era cristã, judeus e romanos se juntaram para assassinar Aquele que era o próprio Deus, encarnado em Jesus Cristo?

Por que, na primeira metade do século 20, um orador envolvente chamado Adolf Hitler conseguiu levar seu povo a acreditar que a Alemanha poderia se tornar a maior potência do mundo matando os seus judeus e invadindo países?

Por que, na segunda metade do século 20, generais-presidentes conseguiram que, praticamente, todo o povo brasileiro cantasse no coro do "Brasil grande", desenvolvido e feliz?

Por que, nos anos 80 e 90, os sucessivos planos econômicos brasileiros obtiveram aprovação praticamente unânime da sociedade brasileira?

Resposta simples: porque as pessoas foram, como se diz na gíria, "levadas no papo".

Em outras palavras, de algum modo a capacidade de pensar das pessoas foi sufocada. Então, não pensaram. Consumiram as idéias dos outros, sem ver que eram falsas e contrárias aos seus verdadeiros interesses.

Assim, Deus-Jesus teve que encerrar sua carreira entre os homens, como um indesejado; milhões de judeus tiveram encerradas as suas vidas, como se tivessem que pagar com a morte por crimes que não cometeram; o mundo inteiro (até o distante Brasil) foi mergulhado numa guerra besta, como se a violência resolvesse alguma coisa; muitos brasileiros tiveram que abandonar o país, como se fosse perigoso pensar diferente; muitos planos econômicos tiveram de ser feitos, como se fossem os últimos.

E em todas estas situações não faltaram aqueles que aplaudiram, achando que tudo era da vontade de Deus...

MAL-ESTAR DA MODERNIDADE

De fato, o século nos invade. Esse caráter invasivo pode ser comparado ao demônio que, expulso de uma casa, volta ainda mais forte e acompanhado de outros demônios, como se retornassem imperceptivelmente pelas portas dos fundos.

Há um sentimento generalizado de que as utopias acabaram e que não vale a pena lutar por nada. Cada um deve cuidar de realizar seus sonhos pessoais. Isso provoca nos cristãos um profundo mal-estar, já que estamos no mundo para transformá-lo.

O resultado pode ser uma adesão a um cínico materialismo prático, que não afirma que Deus não existe, mas vive como se não existisse. Nesse contexto, é preciso afirmar com letras gigantes e vozes robustas que o Reino Deus ainda não se consumou. A vitória de um modelo político (liberalismo) e econômico (capitalismo) não é o fim da história, cujo desfecho só Deus conhece e determina.

Precisamos continuar alimentados pela utopia (desejo profundo de que exista algo que ainda não existe). Nós temos uma utopia: o Reino de Deus, que proclamamos e cujos valores procuramos vivenciar em todos os relacionamentos e comportamentos. Nossa utopia continua válida, graças a Deus.

Os valores que impedem a dignidade podem ser comparados a

demônios, os quais nos cabe contribuir para expulsar.

O problema é que é fácil expulsar os demônios com cara de demônio. Em nossas preocupações, eles tomam os mais diversos nomes, inclusive aqueles genéricos, como "mundanismo" e secularismo. Contra eles, estamos sempre em luta.

No entanto, quase sempre nos esquecemos do aviso de Jesus, em Mateus 12.43-45. O demônio expulso procura se fortalecer para voltar. É como se saísse pela porta da frente e voltasse pela porta dos fundos, agora com o reforço de outros demônios.

A vigilância deve ser permanente.

Há muitos demônios saindo e voltando em nossa(s) vida(s). Cada um tem a sua lista. Alguns deles não são vistos como tais, mas como anjos de luz, o que os torna mais poderosos e perigosos.

O primeiro é a crença no progresso tecnológico, que é reverenciado como ilimitado e intrinsecamente bom, não importa que tire empregos e que só seja gozado por uns poucos, os mesmos de sempre.

Diante de suas cores, acabamos por nos esquecer que o verdadeiro progresso deve ser moral e espiritual. Só é válido aquele progresso que contribua para o aprimoramento das virtudes individuais e sociais, o que inclui a inclusão dos excluídos. Só é válido aquele progresso que contribua para afirmar (e não para negar) a presença de Deus. O verdadeiro desenvolvimento se opõe às pretensões do ateísmo (Deus não existe) ou do deísmo (se Deus existe, não está interessado no bem-estar dos homens), sejam eles teóricos (dos não crentes) ou práticos (dos crentes).

Entre nós, o demônio da crença no progresso não é combatido. Na verdade, não é sequer estudado. Nossa atitude deveria ser, se quero dizer algo aos nossos contemporâneos.

O segundo demônio é a divinização da instância racional, processo pelo qual a razão é elevada a aferidora da experiência espiritual e da teologia, quando ela é apenas *uma* esfera entre outras. Um exemplo disso é a fetichização da Bíblia, a partir da qual se erguem sistemas e argumentações, que não estavam no horizonte dos seus autores nem do Seu amor, como é o caso da maioria dos embates teológicos, geralmente travados em torno de questões secundárias (como a ordenação de mulheres), uma vez que no essencial todos estão de acordo.

O terceiro, e igualmente perigoso, é a cristianização de crenças pagãs. São os casos das chamadas teologias da prosperidade e da maldição hereditária.

Apesar de seus ares de cristianismo, a filosofia da prosperidade não passa de uma filosofia pagã (como já nos lembrou Valdir R. Steuernagel), que ignora que o cristianismo é cruz.

Por isso, seus adeptos têm que dar as maiores voltas para explicar a resposta divina ao apóstolo Paulo de que a Sua graça lhe bastava diante do espinho na carne (2Coríntios 12.7-10). Se Paulo ouvisse os pregoeiros de Jesus, bastaria tomar posse na promessa e ficar livre daquele incômodo. Esse pessoal, bíblicamente analfabeto e eticamente egoísta, esquece que o Reino de Deus tem duas dimensões: uma “já” e uma “ainda não” realizada (como nos ensinou Oscar Cullmann).

Quanto à heresia da maldição hereditária, trata-se da volta da velha culpa, aquela mesma que já foi derrotada por Cristo na cruz do Calvário. Esses legalistas não conseguem conviver com o jugo suave da graça. Não bastasse isso, essa filosofia pagã não passa de um braço (pseudo)cristão das terapias de vidas passadas, ensinada por certas “psicologias” reencarnacionistas e que os manuais de esoterismo ensinam como praticar. Não basta a Bíblia toda ensinar que a responsabilidade diante de Deus é pessoal. Esses pagãos travestidos de cristãos têm interpretações muito pessoais de textos bíblicos, daquelas do tipo “só contaram para eles” e nas quais baseiam suas afirmações.

O quarto perigo é a adesão ao materialismo prático, evidenciado por um secreto e cínico prazer: o de ser invadido pelo século.

A quinta tentação é neo-essenismo, entendido como uma proposta de modelo alternativo contracultural, intentando construir uma via própria embora na linguagem da cultura em que vivem. Sua proclamação é guerreira. Seus hinos estão cheios de generais (como um de seus títulos: "O meu general é Cristo"). Precisam de inimigos, que podem ser o "liberalismo", o catolicismo romano, o comunismo. (Como esses morreram, é preciso inventar outro, como os demônios territoriais da batalha espiritual.) Decorre daí um certo celestialismo (como expresso no verso de um hino clássico: "passarinhos, belas flores, querem me encantar, oh! vãos, terrestres esplendores, não quero aqui ficar").

Trata-se, pois, de uma privatização da fé, que acaba submetida ao moralismo, numa proposta farisaica de reducionismo legalista (redução do cristianismo à moral), como o puritanismo e a hermenêutica fundamentalista.

Em oposição a este subjetivismo, está a imanentização da transcendência, numa espécie de revitalização do antigo zelotismo. A proposta, no fundo, consiste de um reducionismo político, porque sem a mística cristã, que é possuir (ou ser possuído por) a mente de Cristo.

Essas teologias, por seu sentido teórico e por sua aplicação prática, são os verdadeiros secularismos a ser evitados. Estes são os verdadeiros paganismos a se combater.

SIM E NÃO AO INDIVIDUALISMO

Estas percepções estão eivadas de individualismo, aceitável um, inaceitável outro.

Inaceitável é o individualismo que se recusa a se submeter ao Senhoria de Cristo e que se recusa a aceitar os limites que a vida comunitária põe.

Inaceitável é o individualismo baseado muito mais num sistema de valores e nada numa verdadeira independência do pensamento. Na história narrada em João 9 (especialmente nos versos 8 a 34), em nome da tradição os adversários de Jesus preferiram ir contra as evidências da própria razão que estava diante de um fato concreto: o cego agora via. É o que acontece em todos os tempos: em nome da independência do pensamento, as pessoas acabam escravas de um sistema de valores, tomando este sistema como sendo algo pessoal. Essas pessoas não se percebem escravas. Antes, acham-se livres... livres para seguir o pensamento dos outros. Somos todos cegos de nascença (v. 1), porque mergulhados num sistema de valores, o de nosso mundo, que só nos permite ver o que quer que nós vejamos, por mais independentes e sábios que nos achemos.

Inaceitável é o individualismo hedonista, porque voltado tão somente para o prazer. O hedonismo é essencialmente irresponsável, porque jamais se interessa pelas conseqüências.

Inaceitável é o individualismo solipsista, ao acreditar que apenas pela vontade os problemas da sociedade podem ser resolvidos. No fundo, este individualismo considera o outro como o próprio inferno, exemplo de um certo existencialismo.

Inaceitável é o individualismo que se rebela contra Deus, manifeste-se esta rebeldia em algum tipo de auto-afirmação do ser humano ou mesmo em algum esforço para defender Deus, como se ele precisasse. Este foi o equívoco dos fariseus na história de João 9: eles queriam afirmar a autoridade deles de únicos conhecedores e detentores da verdade e, ao mesmo tempo, preservar o deus em quem acreditavam. O deus deles não faria um milagre daquele tipo e muitos menos num sábado...

Há valores válidos no individualismo, especialmente a afirmação da responsabilidade individual, como o tipificam os atos de Jesus narrados em João 9.

Aceitável é o individualismo que assume responsabilidades. Não foi isto que fizeram os pais do cego de nascença; eles empurraram a pergunta para o próprio filho: ele falará de si mesmo (v. 21). O filho, no entanto, e por isto encontrou a felicidade, assumiu a sua responsabilidade, mesmo correndo risco de vida e embora nunca tivesse visto aquele que o curou (vv. 30-33). Não há felicidade gratuita. Mesmo a salvação, que não é obra humana, demanda uma resposta (que é um tipo de ação responsável) humana.

Aceitável é o individualismo que leva o homem a fazer aquilo que compete ao homem. No caso, competia ao cego de nascença lavar-se no tanque (v. 7,11.15) no tempo determinado (v. 4). Obedecer é uma forma de autovalorização.

Aceitável é o individualismo que aceita o método de Deus. No caso, o jeito de Deus agir foi bem esquisito: usou lodo com saliva como instrumento de cura (v. 6); além disso, determinou um banho num tanque cujas águas não tinham poder de restabelecer a visão a um cego (v. 7).

Aceitável é o individualismo que aponta para Deus, fazendo as pessoas virarem o fogo de suas vidas para ao Senhor da história, não apenas dando "glórias" de boca (v. 24b), mas colocando-o no centro da vida (v. 25).

Há, pois, um individualismo a ser recusado pelo cristão: aquele que ignora que a natureza humana não pode ter a si mesma como medida de todas as coisas, uma vez que ela é e está essencialmente voltada para si mesmo, no aqui e agora dos desejos e realizações. O resultado, no fim, é a própria negação do ser humano.

Há, então, um individualismo a ser celebrado: aquele que celebra o indivíduo, mas celebra também o Autor do indivíduo. O resultado, no fim, é a própria afirmação do ser humano, que é o grande projeto de Deus.

A TAREFA PERMANENTE

Na afirmação do Reino de Deus como o projeto cristão permanente, é preciso:

EXAMINAR A MENTALIDADE SECULAR. A mentalidade secular, que é essencialmente a afirmação da autonomia, precisa da contestação cristã, seja para se reafirmar, seja para se corrigir.

Não é tarefa fácil este exame, porque não foi feito superficialmente. A cultura contemporânea é complexa. Sua natureza plural impede qualquer tipo de compreensão reducionista, embora ela, por vezes,

o faça. A meta, como propôs Denys de Benillono, é pensar sem reduzir e pensar sem se perder.

Para ser legítima, a compreensão da mentalidade secular deve ser feita de dentro e com rigor. No entanto, tem havido uma certa abulia neste mister. Epistemologicamente, nós, cristãos, temos sucumbido diante de alguns anteparos para um diálogo eficaz com a mentalidade secular. Entre estes anteparos, podemos mencionar alguns: suficiência da Bíblia, que é tomada como tendo respostas até para aquilo que ela não pretendeu considerar; superioridade do campo religioso sobre o campo científico, como se não fossem áreas diferentes mas sem hierarquia; autonomia da percepção religiosa, como se ela fosse suficiente para a compreensão do mundo, e antiintelectualismo, que nos leva a regular a segundo plano o espírito investigativo de todos os fenômenos.

A menção a estes anteparos é, por si só, um desafio à mudança, para que se chegue a uma postura, a de examinar a mentalidade secular, se se quer transformá-la.

EXAMINAR A MENTALIDADE PROTESTANTE. Se olhar para o outro é difícil, olhar para si mesmo o é muito mais. Nossa visão heteronômica, no sentido que afirmamos nossa herança religiosa como significativa para todas as nossas experiências.

O primeiro grande problema nesta tarefa é a falta de uma compreensão do que seja o protestantismo. As denominações acabaram se transformando em depositários únicos da tradição global protestante, o que leva seus crentes a pensar que sua apropriação é todo o protestantismo.

Ademais, o conhecimento da história interna de cada denominação é bastante escasso. A pobreza da memória torna-se pobreza de reflexão. A ilusão de que cada igreja se pauta pela Bíblia, a quem lê livremente, como se não houvesse a mediação da hermenêutica denominacional.

OUSAR A MENTALIDADE TEONÔMICA. Se os dois primeiros exames são de natureza teórica, esta outra ousadia — a de buscar uma autonomia submissa a Deus — é, ao mesmo tempo, teórica e existencial.

No plano epistemológico, significa o reconhecimento de que a autonomia e a heteronomia são insuficientes. A mentalidade teonômica pressupõe a aceitação deliberada e amorosa da presença de transcendência na realidade humana. Nela, a razão se atualiza a si mesma ao se submeter voluntariamente ao seu Fundamento, que é

Deus.

SUBORDINAR A MORAL À ÉTICA. Temos que vigiar para que nossa moral exceda a dos fariseus (dos tempos neotestamentários e todos os tempos...). Nosso movimento deve ser da moral (estritamente entendida aqui como sendo privada e incompleta, embora legítima) à ética (que inclui o privado, mas alcança a comunidade).

Em termos bíblicos, esta subordinação implica na subordinação da fé ao amor, segundo o modelo paulino (1Coríntios 13). As exigências do amor nos tornam disponíveis e combatentes, porque docemente cativos ao jugo de Cristo.

VIVER CRIATIVAMENTE OS CONFLITOS

ENTRE FÉ E RAZÃO

Viver deste modo significa recusar renunciar a razão, que jamais pode alcançar o *status* de deusa. Não se trata de isolar a fé, mas pensá-la, o que se obtém quando não se esquece a Bíblia, que deve ser lida em oração, com inteligência, com o coração e com coragem.

É um equívoco não fazer a fé formular perguntas à razão e não fazer a razão fazer perguntas à fé, como se as duas fossem dimensões intrinsecamente paradoxais. É também um erro, como faz a pseudo-erudição, só enxergar as contradições entre fé e razão como naturais, insolúveis e obrigatórias. A fé uma interlocutora à altura da razão, o que leva a um auto-envergonhamento da fé (que se submete à razão... soberana).

SUBORDINAR A AÇÃO À ESPERANÇA. O Reino de Deus é uma construção de Deus, em parceria com o homem. Esta esperança não pode se transformar em um dique à ação (como no modelo essênio) e nem se permitir esvaziar pela força da ação (como no modelo zelote).

EM DIÁLOGO COM OS AUTORES

1. Sobre o individualismo, na sua entonação protestante, veja o mesmo *A celebração do indivíduo*. Piracicaba: Unimep; São Paulo: Exodus, 1997.

2. O paracristianismo de algumas expressões pagãs é denunciado em STEUERNAGEL, Valdir R. e outros. *Descubra agora a sedução do cristianismo pagão*. São Paulo: Exodus, 1997.
3. A teologia política do Novo Testamento está em CULLMANN, Oscar. *Cristo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
4. O pensamento de Tillich pode ser visto, entre outras obras, em TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968 e TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

A EPÍGRAFE

Pode ser lida em MACIEL, Luiz Carlos. *Geração em transe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

POSLÚDIO

O Fim da Ingenuidade

Perceber o mal onde ele existe é, na minha opinião, uma forma de otimismo.

(ROBERTO ROSSELINI)

A ingenuidade tem um nome: alienação.

Em resumo, ser alienado é viver longe do prazer de pensar mais, do prazer de ver (perceber) mais e do prazer de ser mais. É viver bem longo do propósito pelo qual Jesus veio à história: ele veio para que vivêssemos em transbordância (João 10.10).

As frases prediletas destes alienados são:

1. trabalho, logo existo.
2. o que eu estou vendo hoje é o que existe.
3. Meu projeto de vida é continuar vivendo.

O ensino que recebemos na escola está voltado para o consumo e repetição de idéias e informações. É uma espécie de educação para uma cidadania de segunda classe.

Infelizmente, na educação cristã, que recebemos na igreja, somos ensinados a reproduzir conceitos, como se objetivo fosse formar para a vida futura (no céu) e não para a vida.

Se a Bíblia é o nosso Guia para a Fonte, e a lemos, observamos que somos chamados a viver na transbordância. Só assim poderemos dar razão da esperança (1Pedro 3.15) que move nossas vidas.

A consciência crítica vem primeiro e a sua obtenção é um processo, às vezes, penoso. A ingenuidade perdida nunca mais se recupera.

A vida que excede (João 10.10) excede também em termos de consciência. (Ou: que vida transbordante é esta que só subsiste na irreflexão?)

É verdade que as coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus (Deuteronômio 29.29), mas tudo o que é humano só fica encoberto se o humano quiser. Jó redescobriu a vida (cujo sentido se fora) porque perguntou (imagine a Quem?) a Deus. O pecado de Adão/Eva foi exatamente não perguntar, isto é, não duvidar da sabedoria (*sic*) da serpente.

Só podemos conhecer o sentido da vida cristã, indo além. Nosso alvo é prosseguir para o alvo (Filipenses 3.12-14). É aí que mora o novo (Colossenses 3.10).

Nesta caminhada, precisamos olhar, interpretar e agir.

Olhar é dispor-se a experimentar o diferente.

Devemos olhar para dentro: a primeira jornada deve ser a jornada para dentro de nós mesmos: fora disso não haverá consciência crítica, conquanto possa haver iconoclasia (atitude de criticar/destruir tudo).

Devemos olhar para cima: quando olhamos para dentro e descobrimos o que descobrimos, importa que olhemos para cima, de onde vêm o socorro (Salmo 121.2), a salvação (João 3.3: "Quem não nascer do alto não poderá ver o reino de Deus) e a força para viver (Colossenses 3.1).

Devemos olhar para fora: então, estaremos prontos para olhar para as realidades: a subjetiva (nós e os outros), a natural (a natureza) e a objetiva (a sociedade).

Interpretar é dispor-se a conhecer o diferente.

Devemos nos aprofundar para evitar o juízo à primeira vista. Só assim iremos além da superfície.

Devemos suspeitar de tudo que vemos e ouvimos, para sermos verdadeiramente livres.

Devemos nos apaixonar pelo assunto/aspecto que estudamos; só assim entraremos no coração da realidade.

Devemos manter sempre a capacidade de nos indignar com o erro. Senão, ficaremos cínicos, insensíveis, incapazes de agir, indiferentes, mornos, prontos para sermos vomitados (Apocalipse 3.16).

Agir é dispor-se a fazer o diferente.

Só que não podemos ficar no nível da conversa. Como escreveu Tiago (Tiago 2.26), a prática (fé) legítima a teoria (obras): consciência crítica sem prática crítica é morta.

Deste modo, vivemos neste mundo e não fora dele. Aliás, não há como viver fora deste mundo. Por isto, Jesus não pediu ao Pai que nos tirasse do mundo (João 17.15), mas que nos livrasse de viver em conformação com as suas regras.

Ele não nos queria escravos do narcisismo, segundo o qual viver para o momento é a paixão dominante — viver agora, para mim mesmo, não para o futuro, não para os outros.

Ele não nos queria escravos do consumismo, segundo o qual ter é o maior prazer. Não importa o preço a ser pago.

Ele não nos queria escravos do pansexualismo, segundo o qual o nosso corpo está e deve estar sempre disponível para o prazer sexual.

Ele não nos queria escravos da ignorância. Somos chamados constantemente a interpretar. Todos os nossos atos são o produto de uma interpretação.

Não importam as formas que a ideologia toma, no campo político, no campo ético, no campo religioso, no campo existencial. Temos que interpretar, conhecer, criticar, escolher. Sempre e de modo radical.

Referências

Bibliográficas

Para facilitar a navegação pelos livros indicados ao final dos capítulos, ei-los em ordem alfabética. Não estão arrolados artigos (impressos ou virtuais).

Uma orientação mais seletiva, por tópicos, está na minha PRIMEIRA VIAGEM AO MUNDO DA COMUNICAÇÃO (Rio de Janeiro: Gama Filho, 1988, p. 90-98).

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Petrópolis: Vozes, 1975. (Há outras edições).

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo*. Piracicaba: Unimep; São Paulo: Exodus, 1997.

AZEVEDO, Israel Belo de. *A primeira viagem ao mundo da comunicação*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1988.

BANDEIRA, , Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

BARBOUR, Ian. *Ciência y secularidad*. Buenos: La Aurora, 1968.

BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à história contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

BELL, Daniel. *The end of ideology; on the exhaustion of political ideas in the fifties: with a new afterword*. Boston: Harvard University Press, 1988.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado; elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter. *Um rumor de anjos; a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERMAN, Marshall. *Em tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOFF, Leonardo. *A ressurreição de Cristo, a nossa ressurreição na morte*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CALIGARIS, Contardo. *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: África, 1997.

- CHESNAY, Jean. *Modernidade-mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CULLMANN, Oscar. *Cristo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo, 1997.
- DEBRAY, Régis. *Curso de midialogia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DREIFUSS, René A. *A era da perplexidade*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DRUMOND DE ANDRADE, Carlos. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- FINKELSTEIN, Sidney. *Existencialismo e alienação na literatura norte-americana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FROMM, Erich. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- FROMM, Erich. *Ter ou ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GATES, Bill. *A estrada do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unespe, 1991.
- GONDIM, Ricardo. *Fim de milênio: os perigos e desafios da pós-modernidade na igreja*. São Paulo: Abba, 1996.
- GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, Otávio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- KAPLAN, E. Ann. *O mal-estar no pós-modernismo; teorias e práticas*. Rio: Jorge Zahar, 1993.
- KOLAKOWSKI, Leszek. *A presença do mito*. Brasília: EdUnb, 1981.
- LANDIM, Leila (org.). *Sinais dos tempos; igrejas e seitas no Brasil*. Rio de Janeiro: Iser, 1989.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo; a vida americana numa*

- era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LATOUCHE, Serge. *A ocidentalização do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LEFORT, Bernard (org.). *O fim da história*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LORENZ, Konrad. *A demolição do homem; crítica à falsa religião do progresso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MACIEL, Luiz Carlos. *Geração em transe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MAGNOLI, Demetrio. *Globalização; estado nacional e espaço mundial*. São Paulo: Moderna, 1997.
- MATARUNA, Humberto, VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Psy II, 1995.
- MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MENA BARRETO, Roberto. *Análise transacional da propaganda*. Rio de Janeiro: Summus, 1981.
- MUCCHIELLI, Roger. *A psicologia da publicidade e da propaganda*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PACKARD, Vance. *Nova técnica de convencer*. Rio de Janeiro: Ibrasa, 1980.
- POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.
- SCHUDSON, Michael. *Advertising, the uneasy persuasion; it dubious impact on american society*. New York: Basic, 1984.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da informação ou da comunicação?* São Paulo: Duas Cidades, 1997.
- SODRÉ, Muniz. *Reiventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- STEUERNAGEL, Valdir R. e outros. *Descubra agora a sedução do cristianismo pagão*. São Paulo: Exodus, 1997.
- SUBIRATS, Eduardo. *A cultura como espetáculo*. São Paulo: Nobel, 1989.
- THOREAU, Henry. *Desobediência civil*. Porto Alegre: LP&M, 1997.
- TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

TOFFLER, Alvin. *O choque do futuro*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

TOYNBEE, Arnold. *A humanidade e mãe-terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VALLE, Edênio. (org.) *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

Para adquiri-los, visite uma livraria. Não encontrando, contate a editora ou *sites* de venda pela internet, como:

<www.amazon.com>, <www.siciliano.com.br>, <www.booknet.com.br>, <www.livcultura.com.br>, <www.eclesianet.com.br> ou www.diretavirtual.com.br.